



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO E CULTURAS MIDIÁTICAS
LINHA DE PESQUISA: MÍDIA E COTIDIANO

KALINE MARIA SOUZA VIEIRA

**TEMPO E MITO NO DISCURSO JORNALÍSTICO: UM ESTUDO DOS
ENUNCIADOS SOBRE A NOVA ERA**

JOÃO PESSOA

2015

KALINE MARIA SOUZA VIEIRA

TEMPO E MITO NO DISCURSO JORNALÍSTICO: UM ESTUDO DOS ENUNCIADOS
SOBRE A NOVA ERA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Midiáticas da Universidade Federal da Paraíba, na linha de pesquisa Mídia e Cotidiano, como requisito para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Wellington José de Oliveira Pereira

JOÃO PESSOA

2015

V658t Vieira, Kaline Maria Souza.
 Tempo e mito no discurso jornalístico: um estudo dos
 enunciados sobre a Nova Era / Kaline Maria Souza Vieira.-
 João Pessoa, 2015.
 97f. : il.
 Orientador: Wellington José de Oliveira Pereira
 Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA
 1. Comunicação. 2. Culturas midiáticas. 3. Nova Era.
 4. Discurso jornalístico - tempo e mito. 5. Cotidiano. 6. Pós-
 modernidade.

UFPB/BC

CDU: 007(043)

KALINE MARIA SOUZA VIEIRA

Tempo e mito no discurso jornalístico: um estudo dos enunciados sobre a Nova Era

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Midiáticas da Universidade Federal da Paraíba, na linha de pesquisa Mídia e Cotidiano, como requisito para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Aprovada em: ____/08/2015

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Wellington José de Oliveira Pereira – PPGC / UFPB
Orientador

Prof. Dr. Henrique Paiva de Magalhães – PPGC / UFPB
Examinador

Profa. Dra. Maria Otília Telles Storni – PPGA / UFPB
Examinadora

Dedico este trabalho aos meus pais, Raimundo
Dias Vieira e Maria de Fátima S. Vieira.

AGRADECIMENTOS

À casa de Pai Tertuliano, minha casa, nas pessoas de Maria do Carmo Cavalcanti e João da Silva. Aos meus avós Raimunda Alves e José Vicente de Souza Filho, Terezinha Dias e José Vieira. À minha madrinha Francis Batista e ao meu “madrinho” Walterlúcio Borba. A Hindy Carvalho, amigo de todas as horas. Ao amigo e orientador Wellington Pereira, pela tranquilidade e confiança no meu trabalho. Ao amigo Luiz Martins da Silva, agradeço a doçura e inspiração. Ao artista Rômulo Pinto Andrade, pela atenção dedicada a mim durante minha fugaz visita a Brasília. Sem ele, esta pesquisa não teria sido possível. Ao jornalista TT Catalão, pela conversa inspiradora acerca do Jornal Ordem do Universo e da vida. Às valiosas amigas Edilene de Pontes Melo, Poliana Queiroz e Camila Pedrosa. Aos colegas do mestrado que se tornaram amigos: Tássio Ponce de Leon, Clara Câmara e Jocélio Oliveira. À amiga Andréa Karinne Albuquerque Maia. Aos professores do PPGC. Aos funcionários do PPGC, na pessoa de João Pedro. Aos professores Henrique Magalhães e Otília Storni, por terem aceitado o convite para compor a banca de defesa desta dissertação. À Capes, pela concessão da bolsa de estudo.

O instinto, o primitivismo, é devolver o lugar devido aos “nervos”. É considerar que a característica própria da natureza humana de modo algum se resume ao cognitivo, ao racional, mas é, antes, uma “*complexio oppositorum*”, que se pode traduzir como uma colagem, um tecido de coisas opostas. (MAFFESOLI, 2010, p. 36).

RESUMO

O fenômeno da Nova Era, pelo seu desenrolar no cenário brasileiro desde meados da década de 1960, ganha destaque nos veículos midiáticos, em especial no jornalismo impresso. Esta dissertação tem como objetivo verificar a construção do discurso jornalístico em torno do cotidiano da Nova Era, analisando como esses dois campos do conhecimento se unem. O *corpus* desta pesquisa é composto por matérias do Caderno Milenium, suplemento dominical do Jornal Correio da Paraíba, e do Jornal Ordem do Universo, publicação de Brasília de 1975. Tal objeto empírico foi analisado conforme os pressupostos teórico-metodológicos da Sociologia do Cotidiano, mais precisamente o método formista, do sociólogo Michel Maffesoli. Com vistas a entender as nuances da Nova Era e testar hipoteticamente sua presença no discurso noticioso, foram criadas cinco temáticas distribuídas em cada uma das seções desta dissertação. Esta pesquisa também utiliza os aportes teóricos que discorrem acerca da notícia jornalística enquanto mito, destinando, para isso, uma seção sobre o conceito de mito e suas funções; o fenômeno da Nova Era sob os prismas da Sociologia e da Antropologia, bem como sua inserção nas discussões sobre pós-modernidade.

Palavras-chave: Nova Era. Discurso Jornalístico. Cotidiano. Pós-modernidade. Mito.

ABSTRACT

The New Age phenomenon, due to its development in Brazilian scenario since the 1970s, is highlighted in media outlets, especially in print journalism. This research aims to determine the construction of journalistic narrative around the everyday life of the New Age, analyzing how these two narratives concerned unite. The corpus of this study consists of the supplement Milenium, from Jornal Correio da Paraíba, and Jornal Ordem do Universo, publication of Brasilia in the 1970s. Such an empirical object will be analyzed according to the theoretical and methodological assumptions of the Sociology of Everyday Life, more precisely the formist method, by the French sociologist Michel Meffesoli. In order to comprehend the shades of New Age and to hypothetically test its presence in the journalistic discourse, five thematic were created and are distributed in each of every section of this research. This research also uses the theoretical contributions that discuss about the news as myth and narrative (storytelling), studies on the myth and the New Age phenomenon under the prism of Sociology and Anthropology, as its insertion in the discussions about post-modernity.

Keywords: New Age. Journalistic Discourse. Everyday Life. Post-modernity. Myth.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Página de anúncios do Jornal Ordem do Universo	29
Figura 2 – Anúncio publicitário do lançamento do álbum <i>Refazenda</i> , de Gilberto Gil	31
Figura 3 – Primeira capa do JOU	33
Figura 4 – Capa da segunda edição do Jornal Ordem do Universo	34
Figura 5 – Capa da terceira edição do Jornal Ordem do Universo	35
Figura 6 – Quarta edição do JOU	36
Figura 7 – Capa da quinta edição do JOU	37
Figura 8 – Capa da sexta edição do JOU	38
Figura 9 – Capa da sétima edição do JOU	39
Figura 10 – Capa do Caderno Milenium com temática <i>new age</i>	46
Figura 11 – A precessão de equinócios	47
Figura 12 – O Ano Cósmico e suas divisões	48
Figura 13 – As constelações de Peixes e Aquário	49
Figura 14 – Suíte da reportagem “Tambaba e os indícios Inca”	53
Figura 15 – Capa do Caderno Milenium com previsões astrológicas	62
Figura 16 – As dicas ecológicas do Jornal Ordem do Universo.....	66
Figura 17 – Capa do Caderno Milenium com temática ecológica	67
Figura 18 – Reportagem do suplemento Milenium sobre planta medicinal	69
Figura 19 – Matéria do JOU sobre ufologia	86
Figura 20 – Capa do suplemento Milenium sobre ufologia	87

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
METODOLOGIA	17
1 A NOVA ERA	20
1.1 Breve histórico da Nova Era	20
1.1.2 Nova Era e contracultura	22
1.1.3 A Nova Era no cenário brasileiro	25
1.1.3.1 <i>As capas e manchetes do Jornal Ordem do Universo</i>	32
1.2 Em que consiste a Nova Era?	39
1.2.1 Vestígios da Nova Era no Suplemento Milenium	43
1.2.1.1 <i>A estrutura do suplemento Milenium</i>	45
1.3 A Era de Aquário	47
1.4 Os curiosos do oculto	52
2 OS CONTORNOS DA PÓS-MODERNIDADE E A NOVA ERA	56
2.1 Entendendo a Modernidade	56
2.2 Pensando a pós-modernidade	59
2.2.1 O processo de personalização	61
2.2.1.1 <i>O discurso ecológico de sacralização da natureza</i>	64
2.2.1.2 <i>O discurso de autodesenvolvimento</i>	67
2.2.2 Inseridos no <i>hic et nunc</i>	69
2.3 A mídia e as nuances moderna e pós-moderna	72
3 PANORAMA DO MITO E SUA PRESENÇA NO UNIVERSO NOTICIOSO	76
3.1 O mito em sua perspectiva sagrada	76
3.2 O mito na contemporaneidade	79
3.2.1 A narrativa milenarista da Nova Era	81
3.3 A notícia e a construção de mitos	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS	94

INTRODUÇÃO

A partir de meados da década de 1960, o cotidiano brasileiro se tornou permeável ao repertório de conceitos e práticas do movimento da contracultura, surgido no oeste dos Estados Unidos (mais especificamente na Califórnia), como contraponto a um modelo de civilização repleto de limites e contradições – o *american way of life*, cujos mecanismos produtores de significado já não correspondiam às perspectivas de uma geração que não mais alimentava as mesmas expectativas nutridas por seus pais.

O boom econômico pós Segunda Guerra Mundial – que instaurou a hegemonia norte-americana – e a ideia da América como terra de grandes realizações começou a mostrar sinais de fadiga. A geração imediatamente posterior, os chamados *baby boomers*¹, percebeu que a flagrante explosão econômica em larga medida se baseava num processo de intensa militarização da política externa norte-americana e que a prosperidade não estava desvinculada do imperialismo.

Além do mais, os anos 1950 e 1960 conheceram na América do Norte um acirramento dos movimentos sociais, particularmente no que se refere ao repúdio à segregação racial. Tornou-se evidente o consumismo desenfreado, que passou a vincular as ideias de felicidade e bem estar às aquisições materiais. É importante ressaltar que os Estados Unidos de então, majoritariamente protestante, reproduzia em larga medida o discurso religioso e fortemente radical das congregações.

Os estudantes perceberam que a fala da igreja estava ligada ao que havia de mais retrógrado – segregação racial, do feminino e das minorias em geral. Assim, viram que não era nessa corrente discursiva que deveriam buscar respostas para a saída da crise de sentido oriunda do militarismo, do consumismo desenfreado e do discurso religioso padrão. Vivia-se também uma atmosfera de grande tensão, em razão da iminência de um holocausto nuclear mundial, em virtude do embate com a União Soviética. A possibilidade de uma hecatombe nuclear não poderia ser descartada.

As singularidades da contracultura, em larga medida, do ponto de vista ideológico, representou uma tentativa de elaboração de contravalores, por exemplo: pacifismo em contraponto ao militarismo; feminismo em contraponto ao machismo; segregação racial substituída pela ideia de concessão de direitos iguais a todas as etnias; primazia do sentimento em detrimento da racionalidade, engendrando uma revalorização da intuição. Ao invés do

¹ Aqueles nascidos nos anos 1950 e que, portanto, estavam na adolescência em meados de 1960.

exclusivismo teológico, apontava-se para uma flexibilidade e multiplicidade de caminhos espirituais – espiritualidades alternativas.

Ora, se a realização assentada em elementos externos (os estilos de vida advindos da cultura de consumo) havia se esvaziado de sentido, nasce a busca pela introspecção através da exploração e da revitalização interior. A libertação das amarras impostas pela ortodoxia sinalizou a possibilidade de identificação do sagrado dentro de si mesmo – a própria interioridade como espaço ideal de manifestação do sagrado.

Nesse contexto, os jovens da época buscaram nas tradições orientais seus novos referenciais de espiritualidade. A chegada de gurus indianos aos Estados Unidos trouxe consigo a possibilidade de renovação ideológica e espiritual e permitiu que o intercâmbio cultural se desse mais plenamente. Além disso, as filosofias ocidentais e as escolas iniciáticas do século XIX serviram de referência para a nova estruturação conceitual que se sedimentava.

Dessa efervescência cultural (a psicodelia, os experimentalismos nas artes, a quebra de valores) nascem movimentos que até hoje se desdobram no cenário mundial, a exemplo da ecologia, da busca por formas de terapêuticas alternativas à medicina alopática e à psicanálise, do vegetarianismo e veganismo tal como se apresentam. Todos esses elementos são formadores do universo simbólico da Nova Era.

Concomitante ao processo de crescimento dos ideais da contracultura e da Nova Era está a apropriação de sua linha discursiva e de seus produtos pela grande mídia, que propagou seus conteúdos em nível mundial, mercantilizando-os para incorporá-los à cultura de massa.

Se voltarmos o nosso olhar para a mercantilização dos bens simbólicos da Nova Era, perceberemos facilmente o seu resultado nos elementos místicos que compõem a decoração de casas, em estampas de roupas ou até mesmo na forma de tatuagens. É de fato muito comum a presença de objetos de decoração tais como pequenas estátuas de Buda, sapos da prosperidade, pirâmides de cristais e mensageiros do vento a tilintar nas entradas, olhos gregos, plaquinhas com dizeres em japonês ou chinês e inúmeras pedras e artefatos destinados a “afastar mau-olhado” ou atrair “bons fluidos”.

Sua apreensão no cenário brasileiro se dá a partir de meados da década de 1960 (tendo como via os meios de comunicação de massa e a produção alternativa), e até hoje estão presentes (principalmente em contexto urbano e na classe média) no cotidiano dos brasileiros – tidos como povo espiritualizado e dado ao sincretismo religioso.

Os jornais especializados que tratavam da temática foram a alternativa à reificação de seus discursos por parte da grande mídia. Exemplo disso é o Jornal Ordem do Universo, que

compõe o corpus desta pesquisa. Embora de curta existência, o jornal brasiliense contribuiu para a divulgação do fenômeno da Nova Era no centro-oeste, sul e sudeste brasileiros.

Recentemente, as práticas alternativas (acupuntura, Reiki, auriculoterapia, Bioenergética, radiestesia) ganham destaque e importância inclusive no Sistema Único de Saúde (SUS).

No Estado da Paraíba, o fenômeno da Nova Era cresce a cada dia, com a proliferação de centros holísticos, estúdios de Yoga, consultórios de terapia holística e centros de estudos filosóficos². É válido também destacar a criação de dois centros de Práticas Alternativas e Complementares na cidade de João Pessoa – iniciativa da Prefeitura Municipal em parceria com o SUS.

Essa temática, quiçá pela sua visibilidade no Estado, recebe destaque contínuo no Jornal Correio da Paraíba, no Caderno Milenium – suplemento dominical. O caderno (que também compõe parte do *corpus* desta pesquisa), criado em meados da década de 1990³, trata principalmente de ciência e tecnologia, mas abriga também em suas páginas os saberes pertinentes ao âmbito da espiritualidade.

A busca por saúde e longevidade validadas pelos avanços da ciência – que comprovam a eficácia do pensamento positivo na cura das doenças e na prevenção de outras sintomáticas – anseiam novas formas de atingir o equilíbrio físico e emocional. Tais questões são centrais para o fenômeno Nova Era, que utiliza um amplo leque de filosofias, em sua maioria orientais, práticas e vivências, aliadas a um teor fortemente espiritualista, para alcançar a plenitude do Ser.

Neste caso, como em qualquer outro fato que figura as páginas dos jornais, há um duplo caminho percorrido: o fenômeno que vira notícia, e a notícia que alimenta e mantém vivo o fenômeno. Ora, as práticas alternativas possuem, como veremos no decorrer desta pesquisa, lugar cativo no cotidiano e, por isso, atraem a atenção dos jornalistas. Mas, estes, por sua vez, atuam no sentido de dar visibilidade e credibilidade a tais práticas e vivências, mantendo-as em foco e, quem sabe, reafirmando continuamente a simpatia dos praticantes e despertando um interesse que conduz ao surgimento de novos adeptos.

Partindo deste princípio, a pesquisa tem como principal objetivo a verificação da construção discursiva do jornalismo em torno do cotidiano da Nova Era, analisando como os

² Todos esses conceitos serão detalhados na primeira seção deste trabalho.

³ No início dessa pesquisa o caderno Milenium ainda circulava aos domingos, sendo interrompido em fevereiro de 2014.

dois universos em questão se unem. Serão verificados quais aspectos do fenômeno recebem notoriedade, e como o discurso jornalístico (re)constrói tais aspectos.

Assim, esta dissertação irá analisar dois veículos jornalísticos, quais sejam: o mencionado caderno Milenium, pois acreditamos que através dele encontraremos os elementos para compreensão da Nova Era nos dias atuais, mais particularmente na realidade do Estado da Paraíba; e o Jornal Ordem do Universo.

O Jornal Ordem de Universo (JOU) teve apenas dez publicações ao longo da segunda metade da década de 1970, mas compreendemos que este representa um marco para a Nova Era no país, por ter sido um dos primeiros veículos a tratar exclusivamente deste movimento, traduzindo a sua essência.

Sua equipe, formada por jornalistas, músicos, ilustradores, atores e culinaristas, estabelecia pautas das mais variadas, que iam desde a alimentação macrobiótica a questões filosóficas e causas ambientalistas. À época Brasília tinha apenas quinze anos, e já se falava numa cidade do futuro e numa era futurista, em que seria instaurada uma nova consciência.

Devemos mencionar o JOU como sendo alternativo, dado o caráter pontual e incipiente de seus anúncios e à sua proposta de rompimento, que também passeavam pelo universo relativo à Nova Era. Os anunciantes eram parceiros da equipe, que de alguma maneira se identificavam e viviam o amálgama simbólico proposto pela redação.

Detectamos anúncios de restaurantes naturais, escola de artes marciais, ateliês de arte, lojas de artigos esotéricos, e até o lançamento do álbum “Refazenda”, de Gilberto Gil. Fica patente, ao folhear as páginas, que toda a publicidade se justificava não por uma questão mercadológica voraz, mas simplesmente pela sustentabilidade das publicações.

Em visita realizada a Brasília no mês de janeiro do ano de 2014, conversamos com membros fundadores do jornal, e tivemos a oportunidade de aferir a importância do JOU para o cotidiano da cidade àquela época e no tocante à visibilidade do fenômeno Nova Era. Assim, o JOU se constitui numa reminiscência capaz de desvendar a gênese do movimento no país, daí o nosso interesse em pesquisá-lo.

Para tal, esta dissertação será dividida em três seções. A primeira delas traça um panorama da Nova Era, trazendo um breve histórico de sua origem – descrevendo seus principais elementos formadores – e difusão, bem como suas tendências nos dias atuais. Utilizamos como principal aporte teórico dois autores da Antropologia – Leila Amaral (2000) e José Guilherme Magnani (2000).

No decorrer da seção inicial achamos por bem, além da utilização do aporte teórico de autores acadêmicos, dar voz aos próprios adeptos e intelectuais do movimento Nova Era, com

vistas à compreensão do fenômeno de uma forma global. Portanto, utilizamos também trechos de livros específicos sobre o assunto, que descrevem, cada um à sua maneira, as diversas nuances que compõem o mosaico multicolor da Era de Aquário.

Assim, ilustramos a seção com citações de terapeutas holísticos, canalizadores de mensagens extraterrenas, profetas pós-modernos, e tomamos emprestadas as imagens que descrevem precisamente o que de fato é a Era de Aquário.

Como será exposto na Metodologia, analisaremos em cada seção desta dissertação as matérias do Jornal Ordem do Universo e do Suplemento Milenium, na forma de temáticas construídas no decorrer desta pesquisa.

Na segunda seção tratamos do cotidiano da pós-modernidade, pois acreditamos que a Nova Era seja um emblema por excelência dos tempos ditos pós-modernos. Assim, esta seção se reveste de importância por inserir o fenômeno *new age* no universo das discussões acerca da tônica pós-moderna. Para tal, faz-se necessário percorrer caminhos sistemáticos e metodológicos no intuito de elucidar conceitos como personalização, presenteísmo, consumo, bem como situar a teoria da mídia em tais discussões.

Na terceira seção tratamos do mito, primeiramente, em sua função sagrada, discorrendo sobre sua definição para teóricos como Mircea Eliade, Joseph Campbell, Roland Barthes e Carl G. Jung. Em um segundo momento situamos a presença do mito na atualidade. E, por fim, apresentamos a perspectiva da notícia jornalística enquanto mito.

Ainda na terceira seção, fez-se pertinente perscrutar a faceta fortemente escatológica da Nova Era, descrevendo alguns dos mitos milenaristas que compõem tal universo discursivo, ancorados em Michael Grosso (2000) e Jean Delumeau (1999), bem como nas análises das matérias jornalísticas do JOU e do Suplemento Milenium.

Neste estudo, partimos da premissa de que o fenômeno Nova Era foi acolhido pelo cotidiano, e que, por esta razão, acaba por contagiar o discurso jornalístico e sua forma de construção narrativa. Entendemos, com base em observação do fenômeno e de sua apresentação pelo universo noticioso ao longo dos anos, que o discurso jornalístico reproduz aspectos já consolidados da Nova Era, atuando no tocante à sua difusão, sem, no entanto, contemplar novos modelos de construção de narrativa do fenômeno.

Buscamos, por meio desta dissertação, refletir acerca dos contornos discursivos da Nova Era, pois entendemos que este movimento vem construindo sua importância no cotidiano brasileiro desde a década de 1960, lançando novas tendências de discussão na sociedade, a exemplo da causa ambientalista, que extrapolou o âmbito restrito apenas aos adeptos *new agers*, alcançando proporções universais.

Asseveramos a importância de nos voltarmos para o movimento em questão por este ser uma resposta ao crescente desencanto com as grandes religiões tradicionais e suas doutrinas dualistas e fixas.

Há uma aspiração ao constante desenvolvimento do ser através da sua própria consciência e busca interior, e a quebra com a aceitação das verdades estabelecidas, da noção de pecado e de culpa, patente no pensamento ocidental, principalmente por meio da teologia judaico-cristã.

Olhar para a Nova Era é bem mais que descrever práticas alternativas para cuidar da saúde ou amálgamas filosóficos espiritualistas. A compreensão de tal movimento pode nos ajudar a apresentar questões ligadas às religiosidades de uma maneira geral, e de como tais fatos modificam o cotidiano das populações urbanas.

Portanto, esperamos, através deste estudo, contribuir para o enriquecimento das discussões em torno da temática mídia e Nova Era, além de lançar nova perspectiva acerca do seu caráter mitológico e midiático.

METODOLOGIA

A pesquisa em questão visa a demonstrar como o fenômeno da Nova Era é reescrito no discurso do jornalismo ao longo dos anos, e, para isso, utilizaremos como princípio norteador o paradigma formista (MAFFESOLI, 1996). Com vistas a identificar as aproximações entre as formas discursivas do jornalismo e do fenômeno da Nova Era, analisamos o Caderno Milenium – suplemento dominical do Jornal Correio da Paraíba – e o Jornal Ordem do Universo.

O formismo, ao oferecer uma abordagem compreensiva à socialidade, bem como às subjetividades e aos pequenos eventos que formam a teia do cotidiano, aponta-nos a melhor maneira de dar contorno ao nosso estudo. O paradigma formista possibilita ainda uma abertura para a valorização do presente e para uma razão sensível, essencial para a pesquisa, dada a natureza do nosso objeto.

Escolhemos o paradigma formista pelo fato de ele se distanciar de uma visão congelada do mundo (MAFFESOLI, 2007). O paradigma formista não enquadra e não estabelece modelos prontos para analisar nenhum fenômeno, mas sim, possibilita que o próprio fenômeno desvele sua forma.

Ao nos debruçarmos sobre as matérias que tratam do universo simbólico da Nova Era, entendemos que, a partir daí, outro fenômeno diverso emerge: o discurso do jornalismo acerca do movimento. Desse modo, é preciso voltar o olhar para a forma discursiva, sua aparência e o que dela podemos apreender.

Buscando melhor fluidez no desenvolvimento de nosso estudo, e dado o seu caráter único no campo da pesquisa jornalística, achamos por bem traçar nossos próprios procedimentos metodológicos, alicerçados, como anteriormente dito, nas teorias do jornalismo e do Cotidiano, bem como nas reflexões sobre o fenômeno da Nova Era levantadas em cada seção desta dissertação.

O material empírico é composto pelos Jornais Ordem do Universo (1975) e o Suplemento Milenium, do Jornal Correio da Paraíba. Desse último, foi estabelecido o recorte de janeiro de 2013 a janeiro de 2014, momento em que ingressamos no Mestrado. É importante salientar que esse recorte foi cuidadosamente escolhido com vistas a preservar a característica atual da temática e nos aproximar ao máximo dos estudos acerca do presenteísmo.

Elegemos para a análise quinze matérias, sendo nove do Jornal Ordem do Universo e seis do suplemento Milenium. O primeiro representa o pioneirismo: é a partir da década de

1960 que a Nova Era toma corpo e ganha visibilidade no país. O segundo representa a sedimentação do fenômeno, e nos aponta para as mudanças ou permanências na sua natureza.

Considerando a intersecção entre o discurso jornalístico e a Nova Era, concordamos com Pereira (2008) quando ele pondera acerca do jornalismo e afirma que este

[...] tem se comportando como o campo que detém o domínio técnico de expressar as falas cotidianas. Dessa forma, poderíamos pensar que o jornalismo se constitui na prosa do mundo. Sendo assim, estaríamos construindo uma falsa premissa, pois há um descompasso entre os gêneros jornalísticos, as técnicas de apreensão dos fatos e as teorias que procuram explicar ações e percursos do jornalismo na vida cotidiana. No jornalismo impresso brasileiro, a legitimação de técnicas usadas para adequar as informações ao tempo e espaços industriais empobreceu as formas da narrativa jornalística. Por isso, é mais comum se falar em discurso jornalístico, truques e habilidades lingüísticas (ou languageiras) para anunciar fatos. (PEREIRA, 2008, p. 1).

No encalço de tal premissa, buscamos investigar até que ponto o jornalismo apreende a realidade do cotidiano da Nova Era, e se, diante da criação de discurso especializado para discorrer sobre práticas cotidianas, o jornalismo consegue tangenciar a razão sem, no entanto, sufocar a sensibilidade.

Como ponto de partida para a análise do material empírico escolhemos quatro das cinco categorias descritivas da Nova Era pensadas por Amaral (2000). A análise consistirá em testar hipoteticamente a presença de tais categorias no discurso jornalístico.

a) os herdeiros da contracultura com suas propostas de comunidades alternativas; b) o discurso de autodesenvolvimento, na base das propostas terapêuticas atraídas por experiências místicas e filosofias holistas, fazendo-as corresponder às modernas teses de divulgação científica; c) os curiosos do oculto, informados pelos movimentos esotéricos do século XIX e pelo encontro com as religiões orientais, populares e indígenas; d) o discurso ecológico de sacralização da natureza e do encontro cósmico do sujeito com sua essência e perfeição interior; e) a reinterpretação *yuppie* dessa espiritualidade centrada na perfeição interior, através dos serviços *new age* oferecidos para o treinamento de Recursos Humanos, nas empresas capitalistas. (AMARAL, 2000, p. 16).

A partir das categorias postuladas por Amaral (2000) criamos temáticas que estarão distribuídas ao longo de cada uma das seções desta dissertação. Podemos entender que as temáticas são as formas propostas por Maffesoli, que nos permitem compreender de maneira qualitativa as nuances do complexo simbólico que é a Nova Era, oferecendo possíveis ângulos de contemplação do fenômeno.

Isso posto, destacamos as seguintes temáticas-formas:

1) A contracultura e as comunidades alternativas; 2) o discurso de autodesenvolvimento; 3) os curiosos do oculto; 4) o discurso ecológico e a sacralização da natureza.

E, por último, para dar conta da análise do material, criamos mais uma forma: 5) o milenarismo na Nova Era; que será tratada na seção três da dissertação.

1 A NOVA ERA

1.1 Breve histórico da Nova Era

Na busca por entender um fenômeno em sua globalidade, devemos, primeiramente, buscar nas suas origens seus elementos formadores. É premente, portanto, ir à sua base e investigar o momento histórico inicial, para que o trabalho de contextualização se dê corretamente. Com o fenômeno da Nova Era não poderia ser diferente. Iremos, ao longo desta seção, traçar um breve histórico da formação deste pensamento, para podermos compreender como ele se dá nos dias de hoje.

Para tal, recorreremos a dois autores que pesquisam a fundo o fenômeno, Leila Amaral (2000) e José Guilherme Magnani (2000), e nos fornecem as bases formadoras que o constituem. Em seus livros “Carnaval da alma: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era” e “O Brasil da Nova Era”, respectivamente, os autores nos fornecem a história do movimento e sua constituição e consolidação.

Os centros holísticos que vemos hoje, as terapias alternativas, os rituais xamânicos que acontecem nas cidades e as escolas de filosofia oriental, são reverberações de algo que se processa desde o século XIX. A sua origem se mistura à fundação das escolas de ocultismo e filosofia, a vertentes da psicologia, como Gestalt e psicologia transpessoal e aos movimentos migratórios que ocorreram nos Estados Unidos.

Um marco histórico na formação da Nova Era, e isso é um ponto pacífico entre os dois autores, foi a fundação da Sociedade Teosófica por Helena Petrovna Blavatsky, em 1875, em Nova York. Esta sociedade, que se mantém até os dias de hoje, com sede em Adyar, na Índia, propõe a conjunção da filosofia oriental, de raízes hinduístas e budistas, ao pensamento ocidental. Teve como cofundador o Coronel Olcott, proeminente jornalista e jurista, tido como o primeiro ocidental de renome a se converter ao budismo.

Mais tarde, após a morte da fundadora, a Sociedade é presidida por Annie Besant, militante da causa feminista e uma das personalidades que lutou pela independência da Índia. Além disso, Annie Besant é mãe adotiva de Krishnamurti, que para os teósofos é reverenciado como um grande mestre.

Os objetivos da Sociedade Teosófica são o estudo das religiões comparadas, onde o lema “não há religião superior à verdade” figura o selo estampado nos livros e paredes de suas lojas; o retorno a ensinamentos antigos, como o gnosticismo; e a formação da fraternidade universal, onde não haveria distinção entre credo, castas, raça e classe social.

Outro marco de vital importância para a Nova Era foi o *World Parliament of Religions*, que aconteceu em Chicago no ano de 1893, durante a *Columbian Exposition*, e, segundo Leila Amaral (2000), foi um encontro de líderes de diversas religiões, com uma série de conferências sobre a temática. Advieram deste encontro a permanência de Swami Vivekananda nos Estados Unidos (guru indiano que mais tarde fundaria a Sociedade Vedanta) e o início do projeto Esalen, posteriormente se transformando em um instituto e no principal centro do Movimento do Potencial Humano.

O Instituto Esalen, juntamente à comunidade de Findhorn, na Escócia, foram as instituições, já na década de 1970, mais emblemáticas do início do movimento Nova Era. O primeiro, bem mais conhecido como Movimento do Potencial Humano, foi uma confluência da busca pelo conhecimento oculto, da psicologia humanista, da bioenergética e da interação com o uso de substâncias psicoativas, sendo o ácido lisérgico a mais comum.

Segundo Leila Amaral (2000), comungavam deste pensamento Abraham Maslow, Fritz Perls, difusor da terapia *Gestalt*, Wilhelm Reich, desenvolvedor da Bioenergética, além de intelectuais da Escola de Frankfurt. Quanto às práticas, a autora descreve que

Diferentes métodos poderiam então ser combinados com sucesso, à moda de um ecletismo selvagem, com o objetivo de alcançar um estado generalizado do “melhor momento da vida”. Esse estado foi batizado por Maslow como *Peak Experience* – a experiência do êxtase, da graça ou do maior de todos os sentimentos de prazer (Joy), ou, também, a possibilidade de compartilhar daquela “força vital”, através de técnicas de relaxamento que permitissem o fluir da vitalidade. A prática de combinar técnicas variadas, retiradas de seu contexto original e divorciadas de suas estruturas teóricas, vai se tornando, assim, bem estabelecida no movimento. (AMARAL, 2000, p. 24).

Para a autora, a experiência mais representativa advinda do Movimento Potencial Humano foi a psicologia transpessoal, que inclui uma mescla entre métodos ocidentais e orientais para o alcance de estados de consciência elevados. Dentre os métodos, estão: “análise de sonhos, imaginação, meditação, yoga, *behavioral medicine* e trabalho de corpo, através de estados alterados de consciência” (AMARAL, 2000, p. 24).

A Fundação Findhorn, por sua vez, é uma comunidade criada a partir da experiência de um casal, que, durante um período de desemprego, dedica-se à agricultura orgânica como forma de obtenção de renda extra. A tentativa bem sucedida atrai a atenção da mídia e diversas pessoas de várias partes do mundo se juntaram a eles, formando a primeira ecovila que se tem conhecimento.

1.1.2 Nova Era e contracultura

Devemos atentar para o fato de que a Nova Era floresce na década de 1960, e tem a sua expansão juntamente com a força do movimento da contracultura. As comunidades alternativas, que rompiam com os valores capitalistas da época, além de almejam uma cultura de paz, estavam em consonância com o pensamento das religiões orientais. Esse interesse súbito dos jovens pelo exótico demarca justamente o rompimento com as religiões tradicionais, principalmente o catolicismo e o protestantismo, pois acreditavam que essas instituições, como pilares do sistema em que estavam inseridos, corroboravam o comportamento bélico, injusto e apartado da natureza.

Como é sabido, a contracultura tem a sua formação no âmbito cultural na década de 1950 nos Estados Unidos, com o *beatnik*, composto por poetas e mochileiros, cujo principal representante é o escritor Jack Kerouac, autor do livro *On the Road*, que viria a influenciar inclusive o cinema. Já no âmbito político, acontecimentos como a guerra do Vietnã, maio de 1968 na França e a Primavera de Praga foram de extrema importância para a consolidação do movimento (MAGNANI, 2000).

Referindo-se ao movimento da contracultura, que se expande de maneira massiva dos Estados Unidos para o restante dos países ocidentais, Magnani (2000) faz o seguinte apanhado:

Insurgindo-se contra os padrões dominantes ditados pela cultura bíblica e protestante norte-americana, o movimento descobre outras vertentes: a filosofia e religião orientais. Não há como descrever de forma sucinta os inúmeros caminhos que levaram jovens ao encontro de gurus, *roshis*, *swamis* e *bhikkhus*, muitos dos quais, por sua vez, instalaram-se nos centros do mundo ocidental levando práticas, crenças e instituições de certa forma já transformados, mas inspirados nos seus milenares e tradicionais sistemas simbólicos de origem. (MAGNANI, 2000, p. 12).

A contracultura imprime a tônica do Jornal Ordem do Universo. De maneira explícita o movimento contracultural se evidencia por meio das resenhas e artigos sobre música, teatro, literatura e artes plásticas e visuais; e, de maneira implícita a contracultura impregna a linguagem do JOU, seja através de sua identidade gráfica, seja através de seu discurso de rompimento com a ordem vigente e de retomada da almejada ordem universal.

A equipe do JOU, e é sempre bom reforçar, composta por jovens imbuídos de espiritualidade que se traduz em espírito de coletividade e ideais utópicos, a todo o momento conclama a necessidade de retomar a vivência em comunidade e de desconstruir os valores impostos pela urbanidade.

A reportagem “Comunidade rural: alternativa utópica para 1984”, publicada na sétima edição do JOU (nov. 1975, p. 18), oferece um guia completo para entender o pensamento acerca das comunidades alternativas. Já no título, a reportagem, cuja autoria não é declarada, estabelece um contraponto entre o ideal de comunidade e a sua antítese – a sociedade totalitária e ficcional do romance de George Orwell (“1984”, publicado em 1949).

A necessidade de comunidade surge hoje como decorrência de insatisfação com a sociedade urbana e a tentativa de realização do sonho utópico de se criar um meio ambiente total, onde a pessoa possa estar menos dividida entre o que sente sobre a vida e o que o ambiente social exige. Para outros, comunidade seria também o caminho para se efetivar mudanças no curso da história da sociedade humana: para se conseguir mudar o organismo social como um todo, em seus fundamentos, é preciso começar pelas bases desse organismo – isto é, pelas formas mais imediatas de relação social. Este é o pensamento que estava na base do então socialismo utópico do século XIX – desacreditado pelo cientificismo histórico e revivido pela cultura jovem no mundo ocidental moderno.

Martin Buber, o teólogo e filósofo social que teve grande influência na formação dos kibutzim israelenses, foi talvez quem melhor tenha expressado a relação que hoje considera-se inseparável do ideal comunitário: a busca de uma sociedade cooperativa, pacífica e economicamente justa é a própria expressão do desenvolvimento espiritual do ser humano.

Hoje vemos que comunidade é o complemento talvez imprescindível para o trabalho de expansão da consciência buscada praticamente por todos movimentos da chamada nova cultura da última década. Como colocou Stephen Gaskin, líder da maior comunidade nascida do “movimento hippie” da década de 60, “não podemos ser livres enquanto todos os homens não o forem”. Esse sentimento que está na base da comunidade “A fazenda”, formada por Stephen em Tennessee, é a mesma proposição do budismo mahayana: o Grande Veículo, onde a salvação do bodhisatva só se completa com a inclusão do seu povo. (JORNAL ORDEM DO UNIVERSO, nov. 1975, p. 18).

Tal passagem elucida não só o conceito de comunidade para o JOU, mas também a sua aproximação com a vivência espiritualista ao enfatizar que uma sociedade justa seria a prova de evolução espiritual da humanidade. Aí reside a diferença entre o discurso da Nova Era e outros discursos assentados em utopias semelhantes: para os adeptos da Nova Era não há como desvincular o progresso e os avanços sociais da busca pela plenitude espiritual.

Ainda em “Comunidade rural: alternativa utópica para 1984”, vemos o desejo da equipe do JOU de fundar uma comunidade nos moldes descritos:

[...] O JOU, na medida de suas limitações, se propõe a veicular estas informações – mesmo porque nunca se perdeu a ideia básica atrás de sua criação, que é a de no futuro se estabelecer as bases para uma fazendo

orgânica em bases comunitárias. (JORNAL ORDEM DO UNIVERSO, nov. 1975, p. 18).

O ideal comunitário da equipe do JOU nos remete para a passagem em que Maffesoli (2010) fala do conceito de unicidade e o seu perfeito encaixe à noção de solidariedade orgânica:

Não há mais lugar para velhos ranzinhas, obnubilados pelos “bons velhos tempos” de uma Unidade fechada em si mesma. Aquilo que os filósofos da Idade Média chamavam de *unicidade*, expressando uma coerência aberta, poderia ser uma boa maneira de compreender uma ligação, um vínculo social fundado na disparidade, no policulturalismo, na polissemia. Coisa que, com certeza, apela a uma audácia intelectual. A de saber pensar a viridência de um *ideal comunitário* em gestação. Audácia, portanto, permitindo apreender que, ao contrário da solidariedade puramente mecânica que foi a marca da modernidade, o ideal comunitário das tribos pós-modernas baseia-se no retorno de uma sólida e rizomática solidariedade orgânica. (MAFFESOLI, 2010, p. 39).

Podemos observar também que a concepção do JOU se deu justamente para o estabelecimento de uma comunidade rural, perfazendo o ideal de uma tribo pós-moderna, assentada na solidariedade orgânica. Adiante, é publicada uma nota assinada por toda a equipe para comunicar o desejo de planejar a formação de uma fazenda orgânica e autossustentável. A equipe também solicita o diálogo com os leitores que porventura conheçam empreendimentos que já tenham sido postos em prática.

Além da contracultura e dos fatos já elencados também por Leila Amaral (2000) e descritos aqui neste trabalho, Magnani (2000) cita uma lista de eventos que culminaram no que hoje entendemos como o movimento Nova Era. Todos esses acontecimentos, cada um à sua maneira, contribuíram para o desenvolvimento desse caleidoscópio de crenças, vivências e no “estilo Nova Era de lidar com o sagrado”, usando um termo cunhado por Amaral (2000).

Para Magnani, o lançamento do livro “O Tao da Física” (1974) do físico de partículas Fritjof Capra, representou um grande mérito e possui vital importância ao estabelecer paralelos entre a filosofia milenar taoísta e a física moderna. Com o lançamento de “Ponto de Mutação”, outro *bestseller* do mesmo autor, Magnani argumenta que o livro lança nova visão acerca das temáticas tratadas no universo da Nova Era. Se antes os assuntos e as práticas eram tidos como excentricidades ou desvios de conduta, agora eram vistos sob nova ótica, uma vez que o discurso autorizado de um cientista serviu de base para acrescentar outra perspectiva ao fenômeno, lançando, inclusive, tendências nos campos científico e mercadológico (MAGNANI, 2000).

A obra do antropólogo Carlos Castañeda também figura o rol descrito por Magnani. Se até então os autores descrevem práticas ligadas diretamente às tradições orientais, principalmente budistas e hinduístas, as vivências de Castañeda aconteceram no Novo México, juntamente com seu mestre Dom Juan, um xamã yaqui de Sonora, México.

O aprendizado de Castañeda junto ao seu mestre Dom Juan rendeu uma obra composta por mais de doze livros, cuja descrição antropológica, controversa para a tradição acadêmica mais rígida, é mesclada pela mística indígena e a experiência direta e continuada com o peiote, cogumelo alucinógeno comumente utilizado para a ampliação da consciência.

Carlos Castañeda inicia a sua descoberta por acaso, ao visitar o noroeste do México com vistas a pesquisar sobre as plantas de poder. Acompanhado de um amigo, Castañeda é apresentado a Dom Juan, sabidamente um grande conhecedor das plantas, especialmente o peiote, motivo da viagem do jovem antropólogo. Estes iniciam uma amizade, aumentando a frequência das viagens de Castañeda ao México, em busca de novos e densos aprendizados.

O universo simbólico apresentado a Carlos Castañeda por Dom Juan se revela como profundo e elevado, unindo-se aos já mencionados elementos que compõem o estilo Nova Era, trazendo à tona a riqueza das tradições advindas dos ameríndios, do xamanismo e das religiosidades populares.

Toda essa teia de saberes e revoluções em diversos âmbitos sociais, e não apenas no da espiritualidade em si, chamaram a atenção da jornalista Marilyn Ferguson, que, na década de 1980 lança o livro intitulado “A conspiração aquariana”, no qual são descritas as profundas mudanças em escala planetária e o espírito no qual as pessoas estavam imbuídas.

As possibilidades de salvação nesse momento de crise não são a sorte, a coincidência ou a crença naquilo que se deseja verdadeiro. Armados com uma compreensão mais elaborada de como a mudança se produz, sabemos que as próprias forças que nos levaram à beira de uma catástrofe planetária trazem em si as sementes da renovação. O presente desequilíbrio – pessoal e social – prenuncia um novo tipo de sociedade. Funções, relações, instituições e velhas idéias estão sendo reavaliadas, reformuladas, remodeladas. (FERGUSON, 1995, p. 29).

1.1.3 A Nova Era no cenário brasileiro

Trazendo o histórico para o âmbito brasileiro, é importante destacar página do Jornal Ordem do Universo, de 1975. Em consonância com essa tônica, o veículo publica uma

conclamação aos novos assinantes. O texto, de teor visivelmente milenarista⁴, revela ao mesmo tempo a linha editorial do jornal e nos fala sobre a essência daquela época:

Por favor, una-se a nós amanhã
 Nosso mundo está mudando. Forças vastas e sutis mudanças estão reunificando o planeta, transformando a natureza e modificando corações, mentes e o espírito de todos nós.
 Mas é fácil compreender e perceber mal as forças atuantes e as mudanças que estão ocorrendo. Os problemas parecem insuperáveis – fomes, guerras, doenças, crimes, crises econômicas... – podemos até vê-los como o fim de um processo que parece o fim de longos males, da sofrida educação da humanidade. Somos levados para um futuro de harmonia, entre irmãos e irmãs, entre humanidade e natureza, entre o mundo e o espírito do universo. Na verdade, este amanhã que muitos de nós esperamos já está sendo construído por aqueles sensíveis a essas forças. No meio do colapso do velho mundo, eles vivem e trabalham no novo. Com uma visão clara, eles têm alterado radicalmente seus estilos de vida e nos procurado, para nos ajudar no caminho em direção ao novo amanhã.
 E é sobre isso que o jornal fala: luz e trevas. Nós divulgamos as forças que acompanham as mudanças que estão ocorrendo. Nós divulgamos os espíritos pioneiros que já estão vivendo e trabalhando no futuro. E nós oferecemos informações práticas que torna possível a outros se unirem a eles.
 Aqui no jornal estão algumas contribuições indicando de onde eles vêm, quem são e o que pretendem. (JORNAL ORDEM DO UNIVERSO, jan. 1975).

O contexto da década de 1960 no cenário brasileiro guardava as suas peculiaridades. O movimento da contracultura aqui era mais politizado, trazendo as inquietações com as desigualdades sociais e os anos de chumbo da ditadura militar para as artes. De acordo com Magnani (2000), os aspectos mais místicos que figuram o movimento da Nova Era só chegaram a partir da década de 1970.

Contudo, Magnani traz à discussão o fato de que muitos dos elementos que povoam o caleidoscópio simbólico da Nova Era já estavam presentes em solo brasileiro muito antes da popularização e massificação do fenômeno em si. Ordens iniciáticas como a Maçonaria e a Sociedade Teosófica já possuíam lojas consolidadas no país a partir do ano de 1797 – fundação da primeira loja maçônica brasileira em Pernambuco, pelo médico e ex-frade Arruda Câmara. (MAGNANI, 2000).

O autor cita também a criação do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, em 1909, juntamente com a fundação da Editora Pensamento, que passava a ser, até os dias de

⁴ Trataremos desta temática mais adiante.

hoje, um canal divulgador de ideias espiritualistas, diferentes da cultura judaico-cristã imperante no país.

O movimento migratório também trouxe para o Brasil religiões orientais como o budismo, cujo primeiro templo foi construído em 1932 em Cafelândia, no Estado de São Paulo, bem como os chamados novos movimentos religiosos, com os templos da Seicho No Ie, em 1952, a Perfect Liberty, em 1958 e a Sokka Gakkai, a partir da década de 1950.

No entanto, a existência de todos esses focos de ordens iniciáticas e novas religiões por si só não conseguiram difundir massivamente a Nova Era. O que, segundo Magnani, contribuiu de forma decisiva foi a efervescência artística da década de 1970, liderada por artistas que bebiam das mais diversas fontes.

O Tropicalismo deu a sua inquestionável contribuição através da negação aos valores impostos pelo sistema, e de atitudes subversivas. O álbum *Quanta*, de Gilberto Gil, e mais tarde o disco *Refazenda*, apontam para a orientação holística do cantor, que, inclusive, figura na capa deste último trajando um roupão e segurando uma tigela de arroz. A foto fora tirada durante um de seus períodos de regime macrobiótico.

Todavia, Magnani (2000) considera mais figurativas para a divulgação do esoterismo as composições de Raul Seixas. De fato, juntamente com o escritor Paulo Coelho, Raul compôs músicas inspiradas na doutrina de Aleister Crowley, ocultista britânico e fundador da controversa ordem iniciática *Golden Dawn*. A famosa frase “faça o que tu queres pois é tudo da lei”, contida na música *Sociedade Alternativa*, é extraída dos ensinamentos hedonistas de Crowley. (MAGNANI, 2000).

Na década de 1970 é que começaram o surgimento e a multiplicação das comunidades alternativas no Brasil e de templos de diversas expressões religiosas. Foram implementados grupos urbanos e uma comunidade rural da Sociedade Internacional para a Consciência de Krishna – mais conhecido como Movimento Hare Krishna, e inúmeras comunidades rurais alternativas, cujo estilo de vida destoava dos valores vigentes e da ótica do consumo.

Comunidades como a do líder espiritual José Trigueirinho Neto e o Vale do Amanhecer (nome mais conhecido para a *Ordem Espiritualista Cristã*), de Tia Neiva, surgem também neste momento histórico. Ambas as comunidades existem até os dias de hoje, tendo se expandido pelo país, como é o caso da doutrina encabeçada por Tia Neiva no Distrito

Federal, que conta com mais de seiscentos e treze templos espalhados pelo território nacional⁵.

1.1.3.1 *O Jornal Ordem do Universo e o pioneirismo na cena brasileira*

Os conteúdos que integram o caleidoscópio simbólico da Nova Era podem ser vislumbrados no decorrer de todas as edições do Jornal Ordem do Universo. Em seu primeiro editorial (jan. 1975) podemos antever o que perfaz a natureza da publicação. Seu principal propósito é o de servir como um instrumento condutor da vida diária de acordo com a harmonia universal. Para tal, é preciso orientar para que os leitores se desfaçam das amarras impostas por uma sociedade que “se tem mostrado incapaz de estabelecer o equilíbrio cósmico” (JORNAL ORDEM DO UNIVERSO, 1975).

Como uma publicação alternativa, o JOU se mantinha com a contribuição dos assinantes e com espaço ativo destinado aos anunciantes, que, em sua maioria comungavam das ideias do jornal e estavam inseridos no amálgama simbólico *new age*.

As edições que foram analisadas contêm anúncios de terapeutas holísticos, tarólogos, restaurantes macrobióticos e vegetarianos, artistas, clínicas de medicina alternativa, livrarias, dentre outros. Fica patente, ao folhear as páginas do JOU, que toda a publicidade se justifica não por uma questão mercadológica voraz, mas simplesmente pela sustentabilidade das publicações.

⁵Informação retirada do site <http://valedoamanhecer.com/endereco_templos/todos.php>. Acesso em: 2 jun. de 2014.

Figura 1 – Página de anúncios do Jornal Ordem do Universo



Fonte: Jornal Ordem do Universo, n. 5, p. 36, 1975.

Tivemos nosso primeiro contato com o JOU durante visita a Brasília, numa conversa informal com um de seus integrantes e um colaborador, respectivamente: o jornalista Vanderlei dos Santos Catalão – Tetê Catalão – e o artista visual e arte-educador Rômulo Pinto Andrade, que gentilmente nos cedeu suas edições cuidadosamente guardadas ao longo de quarenta anos.

Embora possamos resgatar a história e a linha editorial do JOU através dos relatos de ambos, nossa análise se detém apenas ao que foi publicado, pois assim acreditamos nos manter o mais fiel possível ao tratamento discursivo acerca do fenômeno *new age* dado pelo jornal.

Com base no que encontramos nos editoriais das sete edições que temos em mãos, podemos traçar o seguinte perfil do Jornal Ordem do Universo:

O jornal não se arvora como um modelo a ser seguido com base na autoridade. Antes, a proposta é a de fornecer aportes para que cada um consiga se autogovernar, e que volte o seu olhar para sentimentos como o altruísmo, o equilíbrio e a positividade.

Ele se descreve como a voz de uma geração de pessoas unidas com um mesmo ideal filosófico. O JOU tem muita clareza sobre seu ativismo: a busca pela unicidade cósmica, fugindo do dualismo imposto pela cultura judaico-cristã; a preocupação com o planeta e com os rumos da sociedade moderna; a tolerância com o diferente; a busca pelo novo; o amor à

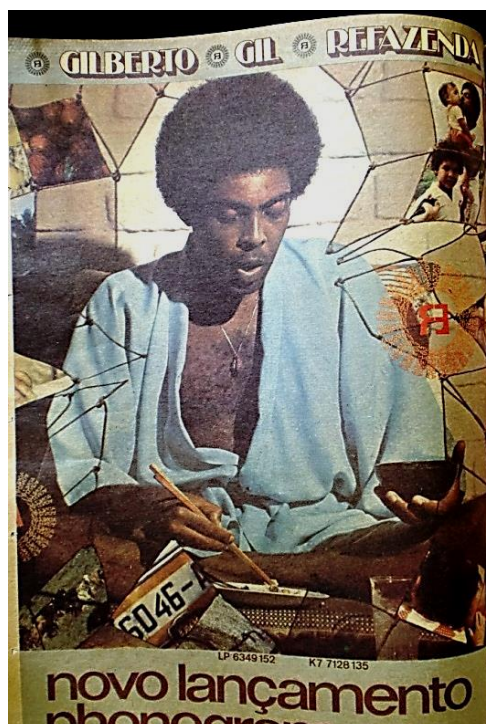
paz e à transcendência; a conquista de novos estados de consciência proporcionados pela alimentação natural; o retorno às culturas antigas; a reverência com as filosofias orientais; a consciência de uma irmandade planetária, caracterizada pela ideia do Bodhisattva⁶; a comunhão entre mente e corpo; a responsabilidade pela saúde e pelo processo de doença.

[...] Queremos trilhar por um vasto caminho, de positividade, em todos os campos, o que significa altruísmo, construtividade, espírito de colaboração e unificação que leva ao estado orgânico da sociedade baseada na ordem, afastando-nos do egoísmo, destrutividade, separatismo, espírito de rivalidade e agressividade, que determinam o caos contemporâneo. Esperamos poder, com a lógica, fazer um cálculo utilitário da vantagem de introduzir dentro do campo econômico o fator moral. Não estamos interessados no incidental e fragmentários movimento das instituições do governo, exceto quando estes fatos possam nos ajudar no processo de unificação do mundo, no qual estamos empenhados. Da mesma forma, não publicaremos matérias que possam degradar o espírito humano, exceto com o sentido de auto-reflexão e julgamento. (JORNAL ORDEM DO UNIVERSO, jan. 1975, p. 3).

A linha editorial do JOU também não segue o factual, ou seja, foge aos critérios de noticiabilidade do jornalismo. Aqui, é posto em evidência o caráter seletivo da escolha temática ao afirmar-se que tais temas que competem para a degradação humana não farão parte do quadro de matérias, a menos que sirvam à reflexão.

⁶ Do sânscrito, “ser iluminado” – alguém que já atingiu a iluminação e que, imbuído por altruísmo e compaixão ajuda aos outros a alcançarem o mesmo estado de plenitude.

Figura 2 – Anúncio publicitário do lançamento do álbum *Refazenda*, de Gilberto Gil



Fonte: Jornal Ordem do Universo, 1975.

O que mais nos chama atenção no JOU é o seu caráter livre e subversivo. Embora tenha um layout coerente com a proposta e uma identidade visual bem construída, foge ao padrão de um jornal factual. Suas capas contêm ilustrações dos artistas de vanguarda da época, fotografias artísticas ou bricolagens entre uma diversidade de elementos gráficos. As matérias são ilustradas com a criatividade dos artistas alternativos, combinando elementos da contracultura e do esoterismo.

A publicação também foge do usual na utilização do slogan. Ao invés de fazer uso de apenas um como elemento definidor, optou-se pelo uso de vários slogans, todos eles em consonância com o *ethos* da Nova Era.

Na primeira e na segunda edições, o slogan que caracteriza o jornal é “A arte de viver na era da humanidade”, numa menção clara à Era de Aquário e sua característica transformadora e totalizante do humano.

O slogan da terceira edição é “um guia prático para se viver em tempos difíceis”, também numa alusão ao que as cartilhas neoesotéricas compreendem como transformações dolorosas que estão se processando no planeta ou a entrada na Era de Aquário.

Nas demais encontramos os seguintes slogans: “um jornal de civilização”, “o caminho do amor” e “jornal de intuição”. Todas essas descrições nos remetem sempre aos ideais propostos na “cartilha invisível” da Nova Era, principalmente se atentarmos para a proposta de rompimento e transposição do paradigma cartesiano, cujo maior pilar é o pensamento objetivo. Ao evocar a intuição e o amor nos seus enunciados, o JOU se firma enquanto veículo de divulgação de tais lemas, demarcando o seu discurso e o aproximando da proposta *new age*.

1.1.3.1 *As capas e manchetes do Jornal Ordem do Universo*

Logo em sua primeira edição, em janeiro de 1975, o JOU já diz ao que veio, mostrando uma linha editorial sólida e coerente. A capa, com ilustração do artista plástico Rubem Valentim traz consigo o gérmen de uma publicação comprometida com os ideais de um novo pensamento, ao tratar de temas que viriam a ser discutidos até os dias de hoje: a importância de uma nutrição mais natural e equilibrada, com as matérias sobre a soja, a macrobiótica e a agricultura biológica. Também observamos que esse pensamento se estende para além da preocupação com os aspectos individuais do ser, tentando alcançar uma esfera social. É o caso das matérias sobre as comunidades, a educação chinesa e o terceiro caminho.

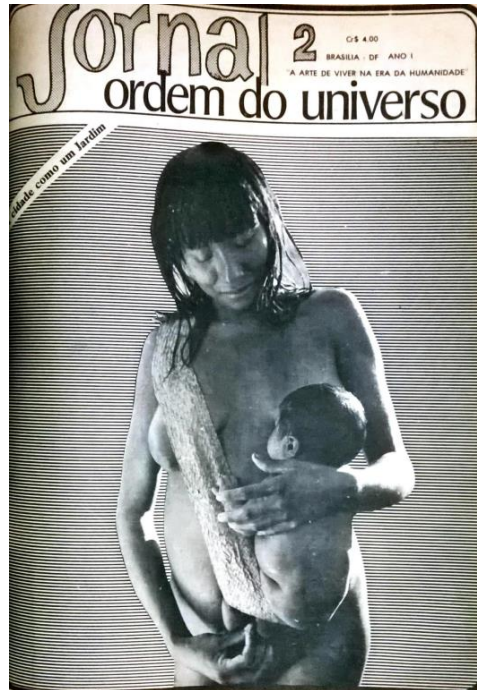
Figura 3 – Primeira capa do JOU



Fonte: Jornal Ordem do Universo, 1975.

A capa da edição de número dois, disposta logo abaixo, prima pelo impacto da imagem, e, talvez por essa razão, não traga manchetes, o que já representa uma quebra à estrutura esperada em um jornal. Isto também pode ser um indício de uma busca por uma estética diferenciada e sem amarras, marcada por experimentalismos característicos da imprensa alternativa.

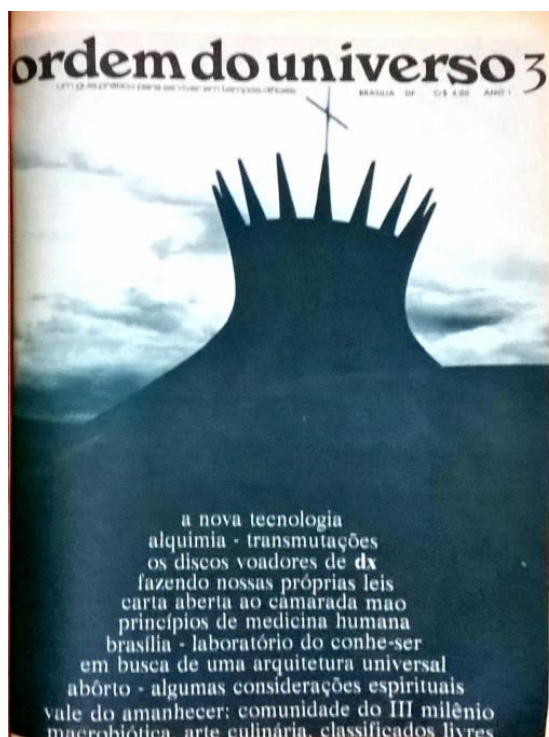
Figura 4 – Capa da segunda edição do Jornal Ordem do Universo



Fonte: Jornal Ordem do Universo, 1975.

A tônica vanguardista do JOU ganha mais força em sua terceira edição. Como visto na imagem, temas como alquimia, transmutação, arquitetura universal e medicina humana, ainda estranhos ao contexto cultural brasileiro, aparecem logo na capa. As matérias “fazendo nossas próprias leis”, “carta aberta ao camarada Mao” e “aborto – algumas considerações espirituais”, tratam de questões políticas, mas imprimindo uma perspectiva consonante aos princípios da Nova Era.

Figura 5 – Capa da terceira edição do Jornal Ordem do Universo

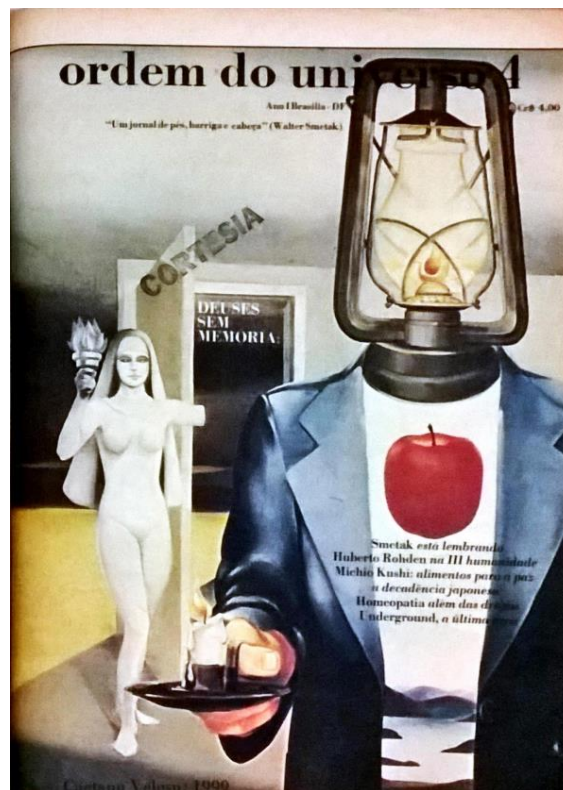


Fonte: Jornal Ordem do Universo, 1975.

Com capa do pintor surrealista Sami Mattar, a quarta edição do JOU apresenta artigo assinado por Caetano Veloso falando de poesia, autoentrevista com Walter Smetak e o destaque para a entrevista com Huberto Rhoden – místico, filósofo, educador e criador da Filosofia Univérsica⁷.

⁷ A Filosofia Univérsica (Unidade na Diversidade) se baseia na contemplação das leis do Universo – e não em filosofias preestabelecidas – para formular seu pensamento acerca do desenvolvimento da natureza humana (JORNAL ORDEM DO UNIVERSO, n. 4, p. 4).

Figura 6 – Quarta edição do JOU

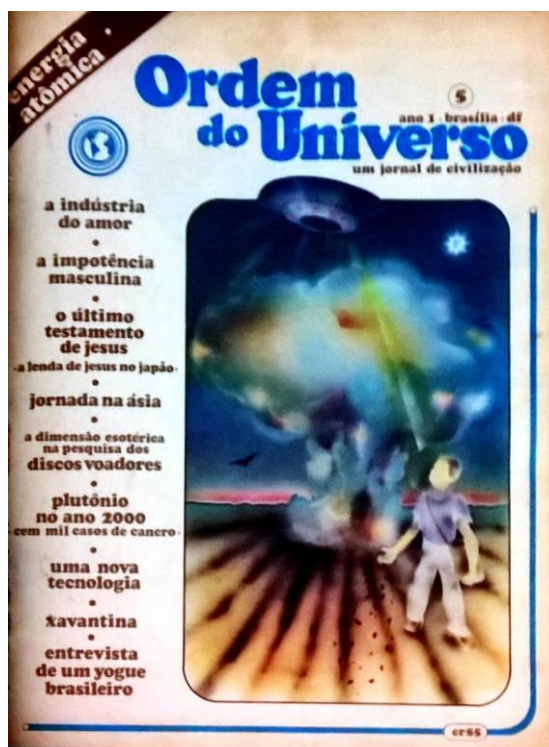


Fonte: Jornal Ordem do Universo, 1975.

A capa da quinta edição do JOU, como veremos adiante, é ilustrada por imagem bastante polissêmica e intrigante. As manchetes anunciam assuntos futuristas, como as matérias sobre discos voadores; plutônio e a incidência de câncer; e uma nova tecnologia, mas sem, no entanto, se distanciar do universo simbólico da NE.

O insólito também figura as páginas do JOU. Exemplo claro disso são as matérias sobre a impotência masculina, a lenda de Jesus no Japão, a dimensão esotérica dos discos voadores e reportagem sobre a cidade de Xavantina, um polo esotérico, conhecida por, supostamente, ser um local propício à observação de objetos voadores não identificados.

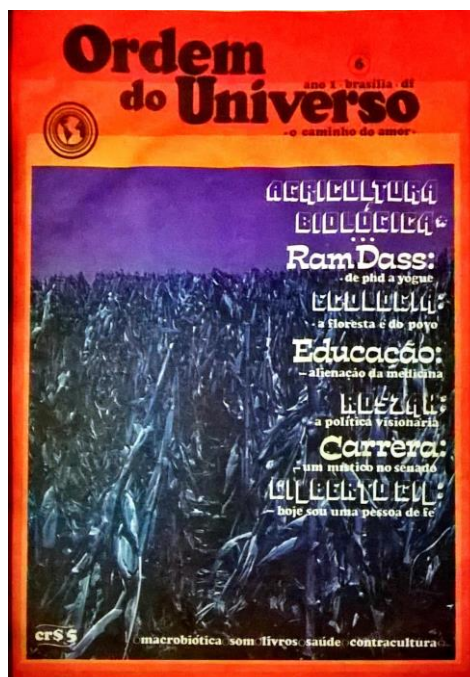
Figura 7 – Capa da quinta edição do JOU



Fonte: Jornal Ordem do Universo, 1975.

Nas edições seguintes, novos temas são acrescentados ao jornal, que cada vez mais aproxima o universo da Nova Era ao *ethos* da contracultura. A efervescência cultural da década de 1970 não passa despercebida pelo time de editores do JOU, que vê na arte e na política oportunidades para construir e ressignificar e, por que não?, subverter a linearidade e rigidez que vigoravam à época.

Figura 8 – Capa da sexta edição do JOU



Fonte: Jornal Ordem do Universo, 1975.

Em sua sexta edição, o JOU traz um rol elencando o seu universo simbólico, incluindo a contracultura ao lado da macrobiótica, do som, dos livros e da saúde; o que nos aponta para uma concludente aproximação e afinidade entre esses temas. Na capa, há as manchetes com personagens ligados ao universo simbólico da contracultura, cada um à sua maneira: Ram Dass na espiritualidade e na pesquisa com substâncias psicoativas (em parceria com Timothy Leary); Roszak na pesquisa acadêmica, com a autoria do livro *O surgimento da contracultura*; o senador Evandro Carneira, que, à época, já se afinava com a causa ecológica; Gilberto Gil, com as experimentações musicais e a quebra com os modelos vigentes.

Figura 9 – Capa da sétima edição do JOU



Fonte: Jornal Ordem do Universo, 1975.

Na sétima edição, o jornal segue sua linha editorial de maneira coerente, com matérias sobre Mahatma Gandhi, comunidades rurais, Timothy Leary, Contracultura e ambientalismo. Como deixamos claro, o JOU teve dez edições, mas dispomos apenas das sete aqui analisadas.

1.2 Em que consiste a Nova Era?

Nos nossos dias, a Nova Era extrapola os ideais propostos inicialmente, tornando-se um cabedal de tendências que vão muito além da mudança de consciência através do autoaperfeiçoamento e do estabelecimento da paz planetária. Aliaram-se a esse ideário práticas de consumo e estilo de vida, engendrando uma estética própria.

Para Leila Amaral (2000), o movimento da Nova Era é caracterizado como sendo um novo modelo de sincretismo, e frisa que o mesmo está em constante processo de transformação, dificultando, assim, o encarceramento em um padrão estático. Isto, no entanto, não é um impedimento metodológico de abordagem do fenômeno. Magnani resolve a questão da seguinte maneira:

A opção de estender o alcance da denominação Nova Era, se de um lado permite abarcar outras propostas com elas sintonizadas, tem seu inconveniente: favorece o argumento daqueles que vêm nesse movimento um *bricolage* de crenças, práticas, objetos de consumo e ritos sem qualquer estrutura ou princípio a não ser a arbitrária decisão de cada adepto de fazer seu próprio *mix*. Como foi afirmado no começo deste livro, a primeira impressão é que cabe qualquer coisa – e de qualquer maneira – no atual “caldeirão” da Nova Era.

Assim, com o propósito de mostrar que, apesar da heterogeneidade, as atividades comumente enfeixadas sob esta denominação não se reduzem a um amontoado de práticas desconexas, mas apresentam padrões e regularidades, antes de delinear seu perfil e discutir questões principais, convém começar do patamar básico: a forma como concretamente se manifestam, isto é, sua localização no espaço da cidade, suas normas de funcionamento e as modalidades em que podem ser agrupadas. (MAGNANI, 2000, p. 26-27).

Dentre a plêiade de práticas que compõem a Nova Era, optamos por utilizar as divisões estabelecidas por José Guilherme Magnani, em *O Brasil da Nova Era*, que estabelecem uma fronteira organizada para melhor entendimento deste universo (MAGNANI, 2000).

Em sua pesquisa de campo, Magnani percorre a cidade de São Paulo e faz um levantamento dos estabelecimentos ligados ao fenômeno da Nova Era. O autor identificou cerca de mil espaços descritos como místicos, esotéricos ou alternativos, que resultou em uma primeira categorização:

a) Sociedades Iniciáticas: Seguem um sistema doutrinário / filosófico único, com rituais próprios e obedecendo a uma hierarquia interna. Magnani observou que muitas dessas ordens são filiais de organizações do exterior, a exemplo da Sociedade Teosófica, da Eubiose, da Ordem Rosa Cruz Amorc etc. As fraternidades também estão inseridas neste grupo.

b) Centros Integrados: reúnem num mesmo espaço diferentes serviços e atividades, englobando palestras, consultas terapêuticas e oraculares, cursos de formação, vivências e também vendas de produtos. Obedecem a uma lógica empresarial e congregam vários profissionais prestando os serviços descritos acima.

c) Centros especializados: são associações, escolas, clínicas ou academias, geralmente voltadas para uma atividade principal, podendo conter outras que orbitam no entorno. As atividades geralmente são a dança, algum tipo de arte marcial, prática terapêutica ou arte divinatória.

d) Espaços individualizados: como o próprio nome já indica, este grupo é formado pelos terapeutas holísticos, as cartomantes, os massagistas e astrólogos, que atendem na

própria casa ou dividem um espaço dentro de algum centro integrado, mas atuando de maneira independente.

e) Pontos de venda: estes mantêm com o universo da Nova Era uma relação quase que completamente comercial. Não possuem nenhum vínculo doutrinário ou obedecem a nenhuma filosofia particular. Apesar disso, o autor observa que há, sim, algum tipo de envolvimento genuíno dos proprietários e funcionários pelo ramo em que negociam. Ele cita o caso de livrarias esotéricas que, além da venda de livros especializados, atuam como pontos de encontro de adeptos e interessados no ocultismo, organizando palestras, seminários e atuando também na divulgação de eventos do segmento. Abrangem este grupo as farmácias homeopáticas e fitoterápicas, as loja de produtos naturais e orgânicos, agências de turismo ecoesotérico, além das lojas de incenso, artesanato e música *new age*.

No tocante às práticas exercidas nos espaços esotéricos descritos por Magnani, também podem ser divididas em categorias para melhor distinção. Assim, o autor decidiu agrupá-las em três categorias que elencamos adiante.

A primeira categoria se intitula *divulgação e formação*, e engloba os cursos de formação, palestras, simpósios e congressos. Podemos destacar os cursos de Reiki⁸, de Tai-Chi-Chuan⁹, formação em Yoga e suas vertentes – ocidentalizadas ou não, o centro de estudos Nova Acrópolis, palestras sobre meditação, respiração, cura prânica, (neo)xamanismo, dentre outras.

A segunda categoria, não menos abrangente, é a das terapias propriamente ditas, sejam elas praticadas em atendimentos individuais ou coletivos. Tomamos emprestado o elenco de Magnani: “massoterapia até técnicas de regressão e de programação neurolinguística, passando por sistemas oraculares, artes marciais e danças, além das terapias com uso de florais, pêndulos, cristais, aromas, cores, etc” (MAGNANI, 2000, p. 35). Acrescentamos a este rol a medicina ayurvédica, que vem sendo amplamente difundida no país, a acupuntura, a cura com pedras quentes, a taporritmia, a fitoterapia, o tubo prânico, a remoção de implantes, o Feng Shui, a Constelação Familiar, dentre outras tantas.

Por último, o autor elenca as *vivências*, que são os ritos ou cerimônias para celebrar determinadas datas, como equinócios, fases da lua, confluências astrológicas. Aqui se

⁸O Reiki é um sistema de cura japonês, que se difundiu nos Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial. Consiste na cura pela imposição de mãos seguindo os *chakras* – esferas energéticas que seguem a coluna vertebral, indo do topo da cabeça até o cóccix.

⁹Arte marcial chinesa que engloba aspectos da filosofia taoísta à alquimia chinesa. É praticada por seus adeptos como uma forma de meditação em movimento.

encontram os workshops, retiros e também o turismo para lugares tidos como sagrados ou de poder.

Em meio a essa diversidade de espaços e terapias, discursos e filosofias, há um fio que perpassa o âmago do fenômeno Nova Era. No entanto, para que cheguemos a essa descrição detalhada das doutrinas e sistemas filosóficos que norteiam o movimento, é válido iniciarmos tomando emprestada da autora Leila Amaral a lista dos discursos que o constituem:

a) os herdeiros da contracultura com suas propostas de comunidades alternativas; b) o discurso de autodesenvolvimento, na base das propostas terapêuticas atraídas por experiências místicas e filosofias holistas, fazendo-as corresponder às modernas teses de divulgação científica; c) os curiosos do oculto, informados pelos movimentos esotéricos do século XIX e pelo encontro com as religiões orientais, populares e indígenas; d) o discurso ecológico de sacralização da natureza e do encontro cósmico do sujeito com sua essência e perfeição interior; e) a reinterpretação *yuppie* dessa espiritualidade centrada na perfeição interior, através dos serviços *new age* oferecidos para o treinamento de Recursos Humanos, nas empresas capitalistas. (AMARAL, 2000, p. 16).

Faz-se necessário descrever, ainda que de maneira sucinta, as doutrinas que perfazem o campo simbólico da Nova Era. Embora, como já vimos, a heterogeneidade e a diversidade formem a essência do fenômeno, podemos identificar alguns discursos mais recorrentes, advindos de diversos sistemas de crenças e tradições religiosas.

Primeiramente, é interessante a maneira Nova Era de enxergar o ser humano. O homem não é apartado do seu criador, e, sendo uma partícula que compõe o todo, não carrega o peso do pecado e a culpa pela expulsão de um paraíso. O indivíduo é visto também como coautor da criação, sendo responsável por todo o seu entorno, e tendo como missão a reunificação com o princípio criador.

Esse pensamento implica numa responsabilidade com a natureza e os outros indivíduos, e com o contínuo processo de autoconhecimento, autoaprimoramento e busca da autorrealização. Este cuidado perante a natureza culmina num pensamento ecológico, que vai de encontro à noção do homem como o ser pensante, e, por isso, destinado a subjugar os demais animais e dominar o meio ambiente.

Do gnosticismo¹⁰, a Nova Era retém a crença numa centelha divina, que está escondida no âmago no ser humano e carrega suas qualidades latentes, mas que precisa ser resgatada ou externada, para, assim, o homem reaver a sua natureza divina. Esse processo é

¹⁰ Corrente mística originada dentro do cristianismo nos seus primeiros séculos.

muitas vezes denominado de “despertar”, “iluminação”, “transmutação”, “alquimia interior” (MAGNANI, 2000).

Deus, ou o princípio criador que rege o Universo, para os que comungam deste pensamento, é o criador, mas não está apartado da sua criação. Ele é imanente, e integra tudo que há. Para diferenciar da noção judaico-cristã, é comum dizer que Deus não criou, e sim que este se manifestou, dando origem a tudo o que houve, há, e virá a ser. Para Magnani,

Esta escolha tem como consequência a perspectiva holística, segundo a qual o todo e as partes se integram. Isso implica na não-divisão entre corpo, mente e espírito, a substituição das ideias de pecado e culpa pela busca do auto-aprimoramento e uma importância dada mais ao conhecimento interior do que a verdades reveladas. (MAGNANI, 2000, p. 38).

Todos os elementos supracitados constituem aquilo que se entende como o pensamento da Nova Era, embora devamos sempre atentar para a característica plástica e móvel do fenômeno. De difícil rotulação, Leila Amaral (2000) aponta para o fato de que a Nova Era se constituiu mais em torno de uma “obsessão pela transformação” e das práticas e rituais, do que no seguimento rígido por doutrinas e sistemas de crença.

Para a autora, a Nova Era se constitui numa “[...] possibilidade de transformar, estilizar, desarranjar ou rearranjar elementos de tradições já existentes e fazer desses elementos metáforas que expressem *performaticamente* uma determinada visão, em destaque em um determinado momento, e segundo determinados objetivos” (AMARAL, 2000, p. 32).

Os símbolos religiosos que povoam o universo da Nova Era são retirados de seus contextos de origem e ressignificados, para ser utilizados em diversos propósitos. Então, podemos concluir que os símbolos, metáforas e filosofias extraídas das tradições religiosas são pulverizados em meio às práticas de determinado grupo *new age*. Com isto, estes elementos se transformam num modelo autônomo, e numa proposta nova e flexível.

Concordamos com Leila Amaral quando esta pondera que Nova Era é muito além do que “um substantivo que possa definir identidades religiosas bem demarcadas” (AMARAL, 2000, p. 32), estando muito mais próximo de uma adjetivação para combinações entre práticas espirituais variadas.

1.2.1 Vestígios da Nova Era no Suplemento Milenium

O suplemento Milenium do Jornal Correio da Paraíba foi criado em meados da década de 1990 para ser a editoria de divulgação científica. No seu primeiro momento, contava com

doze páginas que foram seguidamente reduzidas até chegar às seis páginas dominicais, que permaneceram até o seu encerramento em janeiro de 2014.

Em entrevista concedida à pesquisadora Liliane Calado (2006), o então editor do caderno, Jãmarri Nogueira, afirma que o perfil do Milenium mudara muito desde o seu início:

[...] Jãmarri Nogueira destaca que a princípio o objetivo básico do Milenium era agrupar notícias e reportagens sobre ciência, tecnologia e esoterismo em um único “local” do jornal. Priorizando a divulgação de pesquisas científicas. Ele ainda ressalta que os jornais locais “desovam” notícias sobre ciência nas páginas intituladas “Mundo” ou “Internacional”, no entanto, o Correio da Paraíba as reúne no Milenium. (CALADO, 2006, p. 38).

Sobre o nome do caderno, afirma Calado (2006, p. 38) que “foi proposto por Walter Galvão em reunião do conselho editorial e estabelecia relação direta com a ‘virada’ de século que na época se aproximava. A finalidade era que o nome Milenium representasse a ideia de um caderno futurista, um caderno a frente do seu tempo”.

O Milenium nasce de um projeto de reformulação editorial do Jornal Correio da Paraíba, juntamente com os cadernos especializados, voltados para público segmentado – “Homem” e “Mulher” (CALADO, 2006).

A segmentação temática nos jornais impressos é uma tendência mundial, daí a criação de suplementos semanais ou mensais que agregam valor às informações noticiadas de maneira factual (CALADO, 2006). Tal tendência é motivada por uma necessidade de competição em decorrência do advento das novas mídias, em especial a internet, que tem ameaçado o mercado do jornalismo impresso.

O fenômeno de segmentação dos jornais recebe o neologismo de *revitalização* (DINES, 1996 apud CARVALHO, 2007), caracterizado por uma aproximação maior do jornalismo diário, e, portanto, factual, com o conteúdo das revistas semanais ou mensais.

Comparadas aos jornais diários, as revistas semanais se achariam em desvantagem quanto à rapidez da cobertura dos fatos pelos jornais, o rádio, a TV e a internet, uma vez que esses veículos já teriam noticiado o conteúdo à exaustão. Assim, a estratégia editorial das revistas é se diferenciar dos meios massivos (VIEIRA, 2009)¹¹.

Por essa razão, o gênero discursivo mais utilizado nas revistas é a reportagem, pelo fato de proporcionar um aprofundamento das informações, passeando por estilos mais literários e menos rigorosos como os que são empregados no gênero notícia (estrutura

¹¹ Tratamos especificamente desse assunto em pesquisas anteriores.

narrativa cuja função é privilegiar o fato, muitas vezes em detrimento de seus desdobramentos). A reportagem, muito além de noticiar os fatos, aprofunda-os e traz seus desdobramentos de maneira analítica e interpretativa (VIEIRA, 2009).

Adequando sua linguagem à utilizada por seu público-alvo, uma revista, ou suplemento de jornal tangencia áreas específicas do conhecimento, que despertam o interesse desse público especializado, criando fidelidade e reforçando identidades.

A *revitalização* dos jornais promove a quebra na efemeridade de seu conteúdo, “misturando o factual cotidiano ao jornalismo esmerado do informativo semanal. Assim, os suplementos deixam de ser efêmeros, menos descartáveis do que o próprio jornal que lhes dá sustentação e passam à transcendentalidade” (CARVALHO, 2007, p. 7).

1.2.1.1 *A estrutura do suplemento Milenium*

A reportagem destaque do Milenium figura em sua capa geralmente seguida por suíte na página seguinte. Em seu início, havia a preferência por descobertas científicas (em sua maioria na área de saúde), principalmente se estas fossem encabeçadas por cientistas paraibanos.

Contudo, constatamos que em 2013 e 2014, seus últimos anos, tal privilégio estava sendo relativizado. Se antes o esoterismo era um figurante do suplemento, estava cada vez mais ganhando espaço em visibilidade e número de páginas.

Figura 10 – Capa do Caderno Milenium com temática *new age*

Fonte: Jornal Correio da Paraíba, 10 mar. 2013.

Como observa Calado (2006, p. 38), a terceira página do caderno é o espaço destinado ao gênero coluna. À época, apresentando três delas: “‘Saber Viver’, escrita pelo Dr. Lair Ribeiro, ‘O leitor quer saber’, e uma outra assinada pelo escritor Paulo Coelho, que recebe o nome do próprio autor. No último domingo de cada mês é publicada a coluna ‘As tábuas da Maçonaria’.

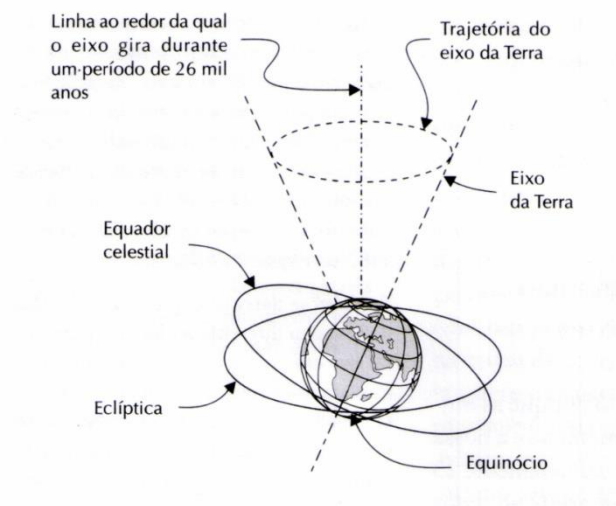
Em nosso recorte temporal do material empírico (ano de 2013) destacamos a permanência de duas das colunas descritas por Calado: a de Paulo Coelho e a coluna que trata do universo maçônico, ora intitulada “Maçonaria Paraibana”. Ademais, convém destacar a coluna “Tudo sobre cães e gatos” e a criação do “Guia da Tecnocracia”, destinado ao aprofundamento de temas relacionados à internet e tecnologia.

Quanto à presença de anúncios, o caderno Milenium destina à publicidade espaço definido e constante em suas páginas (geralmente na primeira e segunda), construindo, com isso, um layout coerente e marcante. Como constata Calado (2006), os anúncios variam entre diferentes segmentos: hotelaria, educação, saúde, informática, programas de rádio e TV, dentre outros.

1.3 A Era de Aquário

É importante levarmos em consideração as origens da expressão Nova Era. Também chamada de Era de Aquário, o termo *era* recorrente é uma alusão a uma conjunção astrológica ocasionada pela *precessão de equinócios* – movimento de inclinação do eixo da Terra, traçando uma rota imaginária semelhante a um funil. No transcorrer de aproximadamente 26 mil anos, o planeta aponta para as doze constelações zodiacais, percorrendo a abóbada celeste, tal como mostra a figura a seguir.

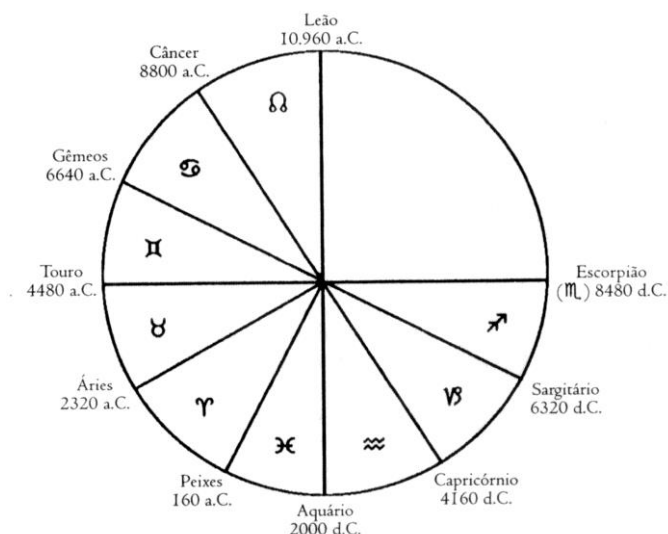
Figura 11 – A precessão de equinócios



Fonte: Melchizedek, 2009.

Para a astrologia, o sistema solar também atravessa o zodíaco durante o seu *ano cósmico* – Grande Ano ou Ano Platônico – que dura aproximadamente 25.920 anos. Esse passeio pela abóbada celeste pelas constelações zodiacais teria o mesmo efeito no planeta que para alguém regido por determinado signo. Dividindo 26 mil anos por doze, temos cada era durando em média 2.100 anos.

Figura 12 – O Ano Cósmico e suas divisões.



Fonte: Hand Clow, 2003.

A convicção na sucessão das eras postula que cada uma delas guarda características próprias que afetam a humanidade e a natureza de uma forma global, indo desde a maneira como o conhecimento (as artes, a filosofia e o sistema de crenças) é produzido e as relações humanas são estabelecidas até mudanças atmosféricas e geológicas.

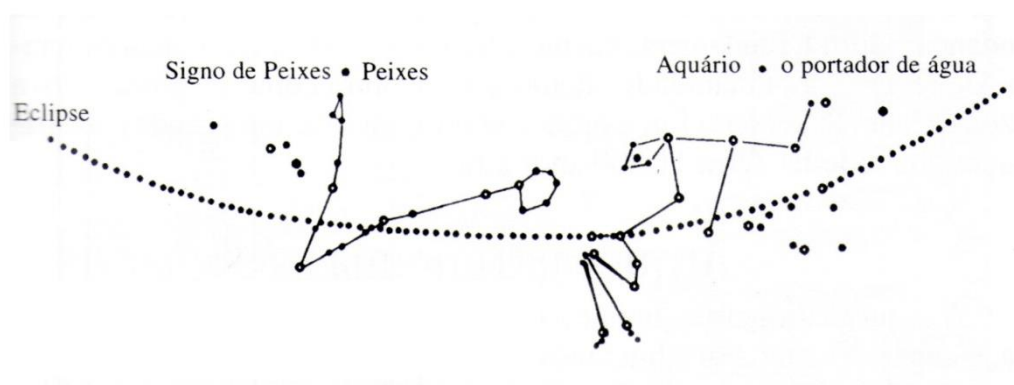
A cada era floresce uma civilização que ofusca outra. E cada uma é presidida por um avatar¹², que, por ser uma encarnação divina na Terra, implanta regras de conduta, instaura novos mandamentos e reorganiza – ou extingue – todo o sistema de crenças vigente à época. É válido salientar que a mudança de eras não acontece de maneira abrupta, mas sim gradualmente, de modo que as mudanças se deem lenta e imperceptivelmente. Por isso, como muitos afirmam, embora ainda não estejamos sob os auspícios da constelação de Aquário, já podemos sentir sua aproximação.

De acordo com a precessão de equinócios, estamos a atravessar a Era de Peixes, que teve como avatar Jesus Cristo. Vivenciamos, para os autores da Nova Era, a era da fé, e estamos a vislumbrar o início de uma era da razão. As características mais marcantes da Era de Peixes são a compaixão, o sacrifício (tendo como símbolo máximo a crucificação de Jesus para redenção da humanidade), o amor, o perdão e o altruísmo. Em contrapartida,

¹²Manifestação divina na Terra.

vivenciamos também o medo, a negação e demonização da matéria e a vivência extremada da culpa.

Figura 13 – As constelações de Peixes e Aquário



Fonte: Hand Clow, 2003.

Da Era de Aquário espera-se o avanço no campo científico, as inovações tecnológicas, o crescimento da espiritualidade e a diminuição da religião e dos dogmas, além do crescimento do individualismo. Esta é a era do homem, e por isso, embora a Nova Era valorize a vivência comunitária, prega-se que o caminho certo, neste momento, deverá ser encontrado nos recônditos do ser de cada um, não mais havendo a necessidade de um guia apontando a direção. Em livro intitulado “O homem na Era de Aquário: o homem cósmico”, a escritora Sandra Bos, autodenominada porta-voz da Era de Aquário, lança a seguinte injunção:

Na Era de Aquário deu-se ao homem uma grande responsabilidade no referente à sua própria vida. Já não pode deixá-la nas mãos da Divindade, porque o Criador põe agora essa responsabilidade precisamente na sua mão! O homem tem de aprender a manejá-la, porque lhe esperam tarefas mais complexas. Tarefas nas quais, por exemplo, poderá aprender a levar a responsabilidade sobre a vida com todas as suas formas de vida e sobre a evolução. (BOS, 2010, p. 65).

É interessante atentarmos para o discurso da autora perante a relação do homem com a divindade, sugerindo uma cisão ontológica entre criador e criatura. Antes, cabia à divindade toda a responsabilidade no que se refere à articulação de um processo soteriológico, o que é patente nas religiões monoteístas majoritárias. Com o advento da era que ora se inicia, há uma reconfiguração discursiva: o homem é corresponsável pela condução do seu próprio destino.

Os intelectuais da Nova Era sinalizam também um novo viés epistemológico. Para eles, o divórcio entre ciência e religião, iniciado no século XVII, com o advento da moderna ciência experimental, agora seria superado por uma convergência entre ambas. Essa confluência residiria na descrição astrológica do signo de Aquário, postulando que, por ser um signo regido pelo elemento ar, traz em si a verve intelectual pura. Por isso, acredita-se que as grandes questões já formuladas serão respondidas durante sua regência.

Motivado a compreender o fenômeno do crescimento da astrologia, Edgar Morin (1972) faz a seguinte reflexão:

A “nova gnose” remexe as nostalgias duma verdade perdida, a profecia apocalíptica, as esperanças dum mundo novo. Por isso mesmo está presente nos esboços de revolução existencial ou cultural que aparecem aqui e ali. Já, de resto, o surrealismo, prelúdio de revolução cultural, havia feito redemoinhar em si próprio a arcaica magia e a profética revolução. Mas a sua tempestade, durante a era triunfante da modernidade burguesa, tinha permanecido encerrada no copo de água da literatura. Hoje em dia, com o fenômeno **hippy** e, mais dilatadamente, com aquilo se que chama “contracultura”, a “nova gnose” está incluída, por vezes de modo virulento e operatório, na exigência revolucionária de mudar de vida. E a astrologia, na sua base antro-po-cosmológica, participa no anunciar messiânico dos novos tempos: a era salvadora do Aquário – *Aquarius* – que abre um novo ciclo às criaturas feitas de barro. (MORIN, 1972, p. 213-214).

Em consonância com este pensamento, Magnani (2000) descreve a tônica dos intelectuais da Nova Era:

Embora enfatizem a intuição e o conhecimento direto, em contraposição ao pensamento, segundo eles demasiadamente racional e cartesiano da era que vai se encerrando, as novas propostas voltam-se para determinadas linhas da ciência contemporânea em busca de evidências e argumentos em prol de uma perspectiva mais sistêmica; é o que faz, por exemplo, o já citado Fritjof Capra. (MAGNANI, 2000, p. 41).

O excerto a seguir, retirado do livro “Mãos de Luz”, da terapeuta holística Barbara Ann Brennan (1987), ilustra com precisão a convergência sobre a qual discutimos acima:

Afiançam os físicos que a matéria não é formada de blocos básicos de construção, mas que o universo é um conjunto inseparável, uma extensa teia de probabilidades que interagem entre si e se entrelaçam. O trabalho de Bohm mostra que o universo manifesto emerge desse conjunto. Por isso entendo que, sendo partes inseparáveis do todo, podemos entrar num estado de ser holístico, ser o conjunto e absorver os poderes criativos do universo para curar instantaneamente alguém em qualquer lugar. Curadores há que conseguem fazê-lo, até certo ponto, fundindo-se e identificando-se com Deus e com o paciente. (BRENNAN, 1987, p. 38).

Convém atentar para o fato de que a terapeuta, fazendo referência direta a um dos maiores expoentes da física teórica do século XX, David Bohm, apropria-se do discurso científico para legitimar suas práticas terapêuticas, e o faz com uma naturalidade tal que dirime quaisquer vestígios do antigo gládio ciência / religião.

Os trechos que se seguirão demonstram claramente a resistência aos dogmas e às doutrinas religiosas constante no universo discursivo da Nova Era. De maneira direta e desprovida de melindre, a fala – supostamente proferida por um ser espiritual – ilustra a faceta iconoclasta, valorizada e propagada como necessária aos novos tempos:

Ora, uma das barreiras mais difíceis para a vossa evolução espiritual diz respeito àquilo a que chamais de Escrituras, as vossas Bíblias e outros materiais sagrados – livros, lendas e histórias dos tempos antigos. Eles destinam-se efetivamente a ajudar-vos, mas não devem limitar o vosso avanço atual. Muitos terrestres tornaram-se hoje extremamente hipócritas e separados dos outros fiéis por concepções e interesses mesquinhos. (VALENTIN; ESSENE, 1997, p. 167).

[...] Sim, honrai a verdade a respeito do poder e da presença de Deus como Criador de toda a vida – sempre ouvirdes e seja qual for a Religião ou Filosofia de onde ela provier. Esta verdade constitui a constante e infalível certeza sobre a qual construireis a vossa vida. Mas também dai ouvidos àquelas mensagens *atualizadas* ou conhecimentos acrescidos que servem ao plano atual da Humanidade e ao movimento seguinte de retorno de Deus. Pede-se, hoje, que considereis essa mensagem sob esses mesmos aspectos: sua expressão de amor e de zelo para com Deus e a informação atual que ela vos traz para vos ajudar a entender o sentido dos acontecimentos de *hoje*. (VALENTIN; ESSENE, 1997, p. 167, 169).

Por fim, o componente novo, tão emblemático da Era de Aquário, fica patente na ênfase indistinta às mensagens atualizadas e à necessidade de adequação das informações à realidade hodierna. O fragmento revela sucintamente o ideal da Nova Era: a valorização da diversidade, traduzida no respeito irrestrito a todas as religiões e filosofias.

1.4 Os curiosos do oculto

Como vem sendo discutido, parte do arcabouço conceitual da Nova Era é criado a partir da união entre a filosofia esotérica do século XIX e práticas religiosas, sejam elas orientais, arcaicas ou afro-indígenas.

Esse aspecto pode ser verificado nas páginas dos jornais, que refletem o retorno do sagrado na pós-modernidade. Avalia Lipovetsky (2004) que a pós-modernidade agrupa os valores iluministas modulando-os à nova tônica:

De um lado, a ação das Luzes continua: os indivíduos saem da minoridade e são cada vez mais capazes de exercer o livre arbítrio, de informar-se, de pensar por si mesmos num universo ideológico onde as normas imemoriais da tradição explodiram e onde os sistemas terroristas do sentido não corroem mais os espíritos. De outro lado, no entanto, as autoridades espirituais não desapareceram; elas se exercem diferentemente, preferindo a argumentação à imposição. (LIPOVETSKY, 2004, p. 32).

A reformulação da autoridade espiritual atua num sentido em que predomina o diálogo tolerante, agregador e salutar, que facilita o trânsito entre as diferentes maneiras de vivenciar o sagrado, fazendo surgir daí um mosaico multicolor formado pela intersecção das práticas religiosas.

A reportagem do dia 28 de abril de 2013 do Milenium se torna eficaz em ilustrar o diálogo entre as religiões e o crescente interesse pelas religiosidades indígenas e afro-brasileiras. Intitulada “Tambaba e os indícios Incas”, a reportagem privilegia a polifonia ao entrevistar diferentes fontes acerca da praia naturista, cada uma oferecendo pontos de vistas que, em consonância promovem um entendimento global do que representa Tambaba.

O texto, assinado por Marcelo Rodrigo, transita por aspectos inusitados do ponto turístico. No primeiro momento, é aventada a possibilidade de passagem dos povos incas, astecas e maias pelo litoral paraibano, tendo como motivo a alta concentração de energia do local, o que acaba atraindo diversas religiões, que, ao que tudo indica, convivem pacificamente.

A relação com os ancestrais e o contato com a natureza ainda em seu estado puro conferiu a alguns pontos de Tambaba uma carga mística que estimula turistas, naturistas e adeptos de religiões e filosofias de vida diversas. Muitos acreditam que o local concentra pontos de energia. “Se a gente prestar atenção, tudo converge para cá. Aqui em Tambaba temos igreja católica construída pelos próprios nativos, igreja evangélica Assembleia de Deus, também construída pelos moradores, um centro de Espiritismo Cardecista, construído por um homem que teve uma revelação sobre local onde ele

funciona hoje, temos um templo do Santo Daime e também um templo da Jurema Sagrada, uma crença que nasceu em Alhandra, herdada dos índios Tabajaras. Há registros de 1623”, comentou [Bilu, membro da Sociedade Naturista de Tambaba]. (JORNAL CORREIO DA PARAÍBA, abr. 2013).

Na reportagem é dado destaque à Jurema Sagrada, religião oriunda da tradição Tabajara, que entende Tambaba como um local sagrado, emblema por excelência de sua ritualística. É também citado o Candomblé e sua crença de que cada formação rochosa personifica uma entidade de seu panteão.

Figura 14 – Suíte da reportagem “Tambaba e os indícios Inca”

F2 Paraíba • Domingo, 28 de abril de 2013 Milênio CORREIO DA PARAÍBA



Cada rocha representa uma entidade

MARCELO RODRIGO

O culto à Jurema sagrada é uma religião ancestral dos povos indígenas da Paraíba, com raízes na cultura dos índios Tabajaras, que habitavam a região de Alhandra, no município de Monteiro. Os adeptos dessa religião, conhecidos como Juremeiros, acreditam que cada rocha representa uma entidade espiritual, conhecida como Jurema. Segundo os relatos, a Jurema teria sido descoberta por um índio chamado Tabajara, que encontrou uma pedra com uma forma semelhante a uma cabeça humana. Desde então, os juremeiros têm realizado rituais e cerimônias em homenagem a essas entidades, utilizando drogas alucinógenas como o cajuil e o tabaco.

Atualmente, o culto à Jurema sagrada continua a ser praticado por uma comunidade de cerca de 500 pessoas, que vivem em Alhandra. Os rituais são realizados em locais sagrados, como pedras e árvores, e envolvem danças, cantos e o uso de drogas. Apesar de ser uma religião ancestral, a Jurema sagrada não é reconhecida oficialmente pelo Estado da Paraíba, o que gera tensões entre os adeptos e as autoridades locais.

Intercultural

A prática da Jurema sagrada é considerada uma manifestação cultural importante da região. No entanto, a falta de reconhecimento oficial dificulta a preservação desse patrimônio. Alguns pesquisadores defendem que a Jurema sagrada é uma forma de resistência cultural dos povos indígenas, que buscam manter suas tradições vivas apesar das pressões da modernidade.

Na região da Paraíba, há diversas outras manifestações culturais, como o Candomblé e o Umbanda. Essas religiões também possuem suas próprias tradições e rituais, e são praticadas por milhares de pessoas. A diversidade religiosa da Paraíba é um reflexo da rica herança cultural do estado, que abrange desde as tradições indígenas até as influências africanas e europeias.

XXII CONGRESSO PARABIANO DE GESTÃO DE PESSOAS

DIAS 08, 09 E 10 DE MAIO DE 2013

O MAIOR EVENTO DE RH E LIDERANÇA DO ESTADO

INSCREVA-SE EM: WWW.ABRAPB.COM.BR

INFORMAÇÕES: (81) 3045.3035 OU CONGRESSOPARABIANO@GMAIL.COM

Participantes com Eugênio Menezes • Dany Fleury • Eugênio Ferraz
Márcia Vieira • Carlos Dias • Malinda Rodriguez • Ruy Gonçalves
Mônica Dória. Partilha com os vencedores do Prêmio Ser Humano 2012.
Tribuna e Espaço Negócios.

CENTRO ESPÍRITA CARDEISTA

Não conta que o Centro Espírita foi construído por um adepto que afirma ter recebido uma revelação sobre o local onde a entidade deveria ser construída.

TEMPLO DO SANTO DAIME

As celebrações do Santo Daime acontecem no mesmo local onde aconteceu o culto da Jurema Sagrada, mas em dias alternados. Em breve, os cultos do Santo Daime serão formalizados.

IGREJA EVANGÉLICA

A Igreja Evangélica de Deus foi construída por moradores do local. De acordo com eles, a diversidade religiosa e o respeito à diversidade de moradores que vivem em Tambaba.

IGREJA CATÓLICA

A Igreja Católica é uma das mais antigas da região e foi construída pelos missionários. Os católicos da região também realizam rituais e celebrações em parceria com a Jurema.

TEMPLO DA JUREMA SAGRADA

As celebrações da Jurema Sagrada acontecem no templo, mas alguns adeptos também praticam rituais particulares de devoção nas pedras da região, na praia.

Fonte: Jornal Correio da Paraíba, 28 abr. 2013.

Ao contrário do Suplemento Milênio, que precisa tornar certos conteúdos mais palatáveis ao grande público, o JOU trata da temática em uma perspectiva mais esotérica, e, portanto, mais aproximada do ocultismo. O JOU dedica ao ocultismo tratamento minucioso e profundo, pois, devido ao seu caráter alternativo, qualquer assunto que porventura parecesse

estranho ao grande público (que não estivesse familiarizado com o universo simbólico esotérico) seria acolhido pelos seus leitores com naturalidade.

Para ilustrar tal assertiva trazemos reportagem do Jornal Ordem do Universo que trata de um tema bastante difundido no meio esotérico, o Tarô. Contudo, o discurso imprime um tom solene ao tema, desvinculando o Tarô do conhecimento massificado que o identifica apenas como arte divinatória para ler a sorte e o futuro.

As vulgarizações, no entanto, são uma constante na história e não há dúvida de que o Tarot, de uma certa época para cá, depois que ele foi reapresentado ao mundo europeu pelos boêmios – ciganos tântricos oriundos do sul do Tibet – deixou de corresponder ao seu verdadeiro objetivo para ser utilizado nas “sortes” e na “cartomancia” – algo que não pode deixar de se apresentar com um sabor de charlatanismo. (JOU, p. 26).

A matéria traz trecho do livro de Apocalipse da bíblia em sua abertura, que logo é analisado sob uma ótica iniciática, demarcando um rompimento com a leitura ortodoxa da teologia. O discurso do JOU passeia por temas caros ao ocultismo, como a Cabala, a filosofia egípcia, a ciência oculta, além de estar assentado em autores que povoam o universo esotérico, como Eliphas Levi e Carl Gustav Jung¹³.

“E havia diante do trono, quatro seres cerdados (sic) de olhos; e o primeiro ser era como a figura de um Touro; o segundo ser, como um Leão; o terceiro ser era como a figura de um Homem e o quarto ser era semelhante a uma águia voando”.

Este fato, que passa despercebido para a maioria dos teólogos atuais, desconhecedores da simbologia hierárquica tradicional, confirma absolutamente o fato do Apocalipse ter sido um livro escrito inteiramente de acordo com os caracteres simbólicos do Tarot Cabalístico. Que é o Tarot? Segundo Eliphas Levi, investigador do século passado, “é um alfabeto hieroglífico e numeral que exprime por meio de símbolos e números uma série de ideias universais e absolutas”.

[...] De acordo com os conhecimentos que adquirimos dos instrutores de uma confraria iniciática que tem a sua sede numa cidade egípcia de Luxor, o Tarot não foi uma criação intelectual. Sua origem, obscura para quem só pode entender as coisas sob os limites da cosmovisão racionalista, teria sido a própria revelação espontânea (sic) da Natureza, captada e compreendida no remotíssimo passado por homens incomuns, portadores de uma lúcida experiência meta-científica, manipuladores de uma super filosofia naturalista que conseguia destrinçar o fato da natureza ser uma entidade que sempre se comunicou com o homem através de uma linguagem simbólica. (JOU. p. 26).

¹³ Não estamos afirmando que Jung seja um pensador do ocultismo ou do esoterismo, mas que, dadas as aproximações conceituais que este fez, através de sua obra sobre símbolos, Inconsciente Coletivo, arquétipos, e até mesmo dos seus estudos sobre temas do ocultismo, acabou sendo apropriado no meio esotérico.

A noção de ciência para a equipe editorial do JOU se distancia completamente do que é proposto no paradigma cartesiano, tangenciando os ideais *new age* de revalorização da intuição em detrimento de um pensamento racional que anularia as possibilidades de o Ser atingir sua plenitude.

A aproximação com os simbolismos presentes nas filosofias arcaicas aponta para um retorno da tradição anterior à formação dos pilares da ciência moderna. Podemos atestar tal afirmação na passagem em que é descrita graficamente a descoberta de inscrições em uma rocha no Estado de Goiás.

O esquema, que supostamente sinaliza a presença da simbologia do Tarô no painel encontrado, aproxima o discurso jornalístico do que afirma Amaral (2000) quando esta discorre sobre a influência do oculto e das tradições afro-indígenas no amálgama conceitual da Nova Era.

2 OS CONTORNOS DA PÓS-MODERNIDADE E A NOVA ERA

Mais do que a ressignificação de antigas tradições religiosas, o cotidiano da Nova Era deve ser entendido como uma nova forma de *estar junto*. Essa ambiência, que vem sendo formada e consolidada a partir da década de 1960 (como explicitamos na seção anterior), assume formas que fogem ao rigor e ao dogmatismo presentes no projeto da modernidade.

Sem dúvida, pensar a Nova Era é pensar as bases da estrutura social em que estamos inseridos, é (re)pensar a construção paradigmática dos tempos hodiernos. Para, tal, faz-se necessário, num primeiro momento, entender a transição da modernidade para a pós-modernidade.

O termo “pós-moderno” tem sido utilizado desde a década de 1970 para se referir à realidade urbana após o ano de 1950, e é, ainda hoje, alvo de inúmeros questionamentos quanto à sua legitimidade. Ora, sabemos que é extremamente nebuloso teorizar acerca do tempo em que estamos imersos, mesmo que a teorização surja do seio da Sociologia e da História. Termos como Idade Média só passaram a ser utilizados quando esse período já tinha sido encerrado.

A controvérsia gerada em torno do termo pós-modernidade se dá justamente pelo fato de implicar uma virada e um rompimento abrupto com os ideais da Modernidade. Por isso, alguns autores não aceitam que tal rompimento tenha ocorrido de fato, por entenderem que o projeto moderno está ainda em curso.

2.1 Entendendo a Modernidade

A filosofia das Luzes – instaurada com a Revolução Francesa e seus ideais de liberdade, fraternidade e igualdade – inaugura a idade moderna. Tais ideais foram integrados às diversas instâncias da vida social, incluindo aí a laicização do Estado – colocando a ciência e seus avanços no lugar da religião e do senso comum, a racionalidade em detrimento da emoção e a exacerbação do individualismo.

Embora o individualismo tenha surgido, com toda sua força, amparado pelos ideais de liberdade e igualdade, o Estado amplia seu poder e estende seus tentáculos no sentido contrário à liberdade individual. Afirma Lipovetsky (2004) que a lógica da sociedade moderna consistia em inserir o indivíduo em regras uniformes, anulando o máximo possível as preferências individuais, uma vez que a lei devia ser universal e hegemônica, com vistas a assegurar o bem comum e, assim, a moral vigente.

Segundo Giddens (1991), o pensamento do sociólogo alemão Max Weber no tocante à modernidade era particularmente pessimista (ainda mais que Durkheim e Karl Marx), pois este entendia como paradoxal, uma vez que o espraiamento do progresso, tão caro à modernidade, só se daria através da ampliação da burocracia, tendo como consequência o aniquilamento da liberdade e do poder criativo individuais.

Sébastien Charles, explicando o pensamento de Lipovetsky, caracteriza a disciplina como sendo

[...] um conjunto de regras e técnicas específicas (vigilância hierárquica, sanção normatizadora, exame de avaliação) que têm por efeito produzir uma conduta normatizada e padronizada, adestrar os indivíduos e submetê-los a uma fôrma idêntica para otimizar-lhes as faculdades produtivas. (In: LIPOVETSKY, 2010, p. 8).

Podemos também elencar, dentre as características mais marcantes da era moderna, a valorização do tempo futuro. A noção de felicidade é depositada no porvir. O futuro é auspicioso, carrega em si todas as surpresas trazidas com o progresso e o avanço da ciência. A razão deve se encarregar de mitigar os sofrimentos, diminuir as desigualdade e instaurar a paz.

A hipervalorização da razão, personificando-a na ciência cartesiana, teve inúmeros desdobramentos e implicou num utilitarismo exacerbado, que, de acordo com Michel Maffesoli (2010), geraram questionamentos que vêm transformando o cotidiano contemporâneo.

A racionalização da existência engendra o processo de *desencantamento de mundo*, do alemão *Entzauberung der Welt*, que foi utilizado por Max Weber para se referir a uma crescente desmagificação do mundo, para além de uma perda de sentido, provocada, segundo o autor, por dois pilares: a religião protestante e a ciência positivista. É importante frisar que não se trata simplesmente de acreditar que toda a carga conceitual empregada por Weber se reduza a uma mera condição psicológica, a uma simples “quebra de encanto” (PIERUCCI, 2003).

O desencantamento do mundo é iniciado a partir da separação entre religião e magia, e no repúdio das práticas mágicas, implicando numa mudança na forma como as pessoas se relacionam com o sagrado e com o mundo. O protestantismo calvinista, alvo de estudo exaustivo de Max Weber, por ser teocêntrico e ascético, além de estar assentado na graça pela predestinação, enxuga os símbolos, rituais e abomina as práticas magísticas. É sob esta ótica que a desmagificação do mundo acontece.

De acordo com Weber, a magia é nada mais que a manipulação das forças da natureza e a coerção do sobrenatural, seja ele o mundo dos espíritos ou alguma deidade. A prática magística prescinde da fé, uma vez que, sabendo manipular os elementos em condições propícias, o resultado necessariamente acontecerá (Ibid., 2003).

Tal visão de mundo, sob uma ótica de graça por predestinação, é, no mínimo, uma heresia tola, uma vez que não há como coagir um deus soberano, muito menos demovê-lo de suas vontades. Afinal, foi este mesmo deus que formou a terra para escabelo de seus pés. Neste tocante, o indivíduo humano é um instrumento da vontade divina, estando na obrigação de, por ser imagem e semelhança do criador, controlar o mundo e divinizá-lo.

Este controle de mundo também é decisivo para entendermos o conceito de desencantamento do mundo. Num contexto pré-moderno, ainda norteador pela magia, o indivíduo é o receptáculo do divino em contemplação, formando uma unidade com o todo. Parte-se, aqui, de um cosmocentrismo, onde não há lugares especiais para que *personas* (nem mesmo as divinas) se posicionem em destaque, onde não há nem mesmo um onde.

Mas o mundo desencantou. A ciência, por um lado, trouxe respostas para todo e qualquer fenômeno, ou pelo menos postulou que para tudo havia uma explicação natural e racional, enquanto que o protestantismo calvinista dizia que a graça salvífica é dom de Deus, e que o homem nada pode fazer, nem mesmo para conseguir dar uma espiadela no grande livro dos nomes. Há uma transposição da coerção magística para a oração suplicada.

Seria, no entanto, importante atentar para o contexto histórico em que Max Weber fez tais observações? Alguns weberianos ferrenhos asseveram que o desencantamento é um fenômeno contínuo de corrosão e aniquilamento de todo e qualquer resquício de magia (pelo menos num contexto ocidental), promulgado pela racionalização da religião e da ciência. Outros começam a vislumbrar um reencantamento do mundo. Alguns afirmam que este se dá pelas novas tecnologias e também pela suavização da ciência ensinada pelas novas descobertas e seus desdobramentos, a exemplo da mecânica quântica.

Eis aqui uma das grandes contradições modernas, que culminou nas barbáries cometidas em nome do progresso: eugenia social, políticas higienistas e tentativa de uniformização totalitária com base unicamente na cultura europeia, além da degradação extrema dos recursos naturais.

Tais contradições podem ser tomadas como a ruptura crucial – social e cultural – da modernidade, inaugurando, assim, o período pós-moderno, ou, então, podem representar não uma ruptura, mas sim um retorno do antigo, do sagrado, e uma convivência mais ou menos

pacífica entre elementos até então tidos como contrários, uma vez que na modernidade a tradição havia sido relegada, ou tida como superada.

2.2 Pensando a pós-modernidade

Diferentes pensadores – filósofos e sociólogos – dão nomes diferentes para o mesmo fenômeno: a plêiade de transformações social e cultural que a humanidade vem passando nos tempos de hoje. A razão para as diferentes nomenclaturas reside no fato de que cada um destes pensadores elege um aspecto como sendo o principal, digno de ênfase. Constata Nicolaci-da-Costa (2004) que, “para alguns, os avanços tecnológicos são determinantes do quadro de mudanças atual. Para outros, esse papel central é desempenhado por fatores econômicos”.

Entendemos que as inúmeras terminologias¹⁴ servem para caracterizar o período presente, e que em todas elas perpassa a noção de mudança na sociedade. Assim, para fins metodológicos, utilizaremos o termo pós-modernidade, por ser o mais recorrente e o que, para nós, melhor evidencia as distinções entre os dois estágios.

A essência da pós-modernidade é o paradoxo. Num mesmo período vemos convergir práticas tidas como contrárias, lógicas contraditórias. Há o retorno da tradição, na essência das novas narrativas, do resgate do arcaico em todos os âmbitos sociais: seja na moda, na arquitetura, no design, nas artes ou nas maneiras de estar junto. É o abraço dos extremos. Por esta razão, fica difícil caracterizar a contemporaneidade como sendo pós-moderna de fato, pois a pós-modernidade em si não deixou ainda para trás a estrutura da modernidade, mas a transformou, ressignificou, envolveu e incorporou.

Dentre as características mais marcantes do pós-moderno, conforme Lipovetsky (2005), encontram-se a descentralização, a heterogeneização e o materialismo psi. Sua lógica é ambivalente, agregando em seu âmago o consumismo e o ambientalismo, a sofisticação e a espontaneidade, a inovação *high tech* e o *retrô*. Suas características, portanto, são polimorfos e elásticas.

No livro *A era do vazio* (2005), Lipovetsky afirma ser a pós-modernidade uma mutação sociológica global, cujos primeiros contornos se iniciam na década de vinte do

¹⁴ “Revolução das tecnologias da informação (Castells, 2000), pós-modernidade ou pós-modernismo (Lyotard, 1979, Vattimo, 1985, Jameson, 1991, Bauman, 1998, 2001, Harvey, 1989, Eagleton, 1996), modernidade líquida (Bauman, 2001), capitalismo tardio (Jameson, 1991), capitalismo flexível (Sennett, 1998, Bauman, 2001)” (NICOLACI-DA-COSTA, 2004).

século passado, nas esferas artística e psicanalítica, e vê seus efeitos se potencializarem ao final da Segunda Guerra Mundial.

Pondera Maffesoli que

[...] a pós-modernidade não seria unicamente uma nova fase no processo dialético da história, ou um novo momento na grande marcha real do progresso, mas antes uma sensibilidade específica que, sempre e novamente, renasceria em lugares e épocas diferentes. [...] Trata-se de uma pulsão holística que justifica bem o politeísmo weberiano, ao qual não há lugar para ele voltar, senão para assinalar que, como as civilizações, nenhum valor ou conjunto de valores é perene, nem aquele que presidiu ao destino da modernidade. (MAFFESOLI, 1996, p. 61-62).

Para Lipovetsky, a pós-modernidade é produto de um momento histórico de oposição entre as instituições modernas e seus aparelhamentos e o desejo de emancipação individual. Este entrechoque dá lugar à emersão dos desejos inconscientes e da busca pela realização do eu. Assim, “as grandes estruturas socializantes perdem a autoridade, os projetos históricos não mobilizam mais, o âmbito social não é mais que o prolongamento do privado – instala-se a era do vazio, mas sem ‘tragédia e sem apocalipse’” (LIPOVETSKY, 2004, p. 23).

Os deslindes de Lipovetsky (2004) acerca do que chama de *mutação da modernidade* percorrem caminhos históricos, como o advento da autonomia individual e o apagamento das estruturas de controle social. Para ele, a explicação não reside apenas nos escritos modernistas ou no surgimento da psicanálise – embora tais elementos integrem o gérmen da pós-modernidade – mas sim, primeiramente, no surgimento do consumo de massa e todos os valores que este agrega à tessitura social.

A *mutação da modernidade*, ora em curso, é uma mutação da informação, da tecnologia e dos valores, que engendram na mudança dos comportamentos (e do controle destes), além de uma diversificação dos estilos de vida. Assim, o individualismo – cria da modernidade – para Lipovetsky (2004) assume contornos incomparáveis, e por isso, irrompe numa nova fase de sua história: a revolução individualista, demarcada pela suavização da escatologia revolucionária, perfazendo uma revolução cotidiana, e, por isso, do indivíduo.

Sua sintomática, cujos desdobramentos serão descritos no decorrer desta seção, são a corrosão das identidades sociais e de classe, o esvaziamento do social e a apatia ideológica e política, tendo em seu ápice a revolução da personalização e uma valorização exacerbada do indivíduo.

2.2.1 O processo de personalização

Na modernidade, a vida política, escolar, moral era orientada para introduzir o indivíduo na lógica de regras uniformes, em sufocar ao máximo suas preferências. A hegemonia de uma lei universal limita as particularidades individuais e estandardiza as convenções sociais, legando ao indivíduo um ínfimo e estreito lugar de ação, ampliado quase que inteiramente por uma lógica do consumo. Com a chegada da pós-modernidade, novos valores surgem, e possibilitam o livre desenvolvimento da personalidade (LIPOVETSKY, 2005).

A revolução da personalização, ainda conforme Lipovetsky, é duplamente facetada. Sua primeira face, que o autor chama de *limpa* ou *operacional*, diz respeito às fórmulas de solicitação elaboradas pelos aparelhos do poder, gerando um condicionamento generalizado e, portanto, totalitário. A segunda face, denominada por ele de *selvagem* ou *paralela*, dimana da busca por autonomia e das formações particularizadas, a exemplo da revolução sexual e de costumes e das bandeiras erguidas pelas políticas de afirmações, sejam elas étnicas, sexuais ou regionais, gerando movimentos alternativos.

Acerca desta realidade, aponta Maffesoli que

a *heterogeneidade* está de volta — aquilo que Max Weber chamava de politeísmo *dos valores*. Daí a reafirmação da diferença, dos diversos localismos, das especificidades das línguas e das culturas, das reivindicações étnicas, sexuais, religiosas, dos vários agrupamentos em torno de uma *origem* comum, real ou mitificada. (MAFFESOLI, 2010, p. 37-38).

Há, nesta face, a construção de identidades próprias, o que gera um afastamento da universalidade, um caminho paralelo à sociedade disciplinar e uniforme. É nesta realidade multifacetada que se insere a Nova Era. Como vimos na seção anterior, seus adeptos e pensadores sinalizam para um novo tempo, de rupturas com o que havia na vigência. Sua tônica desvela as sutilezas e as abrupções da contemporaneidade, e vem sendo (pres)entida desde meados do século XIX.

No dia treze de janeiro de 2013, o Jornal Correio da Paraíba publica matéria no Caderno Milenium com as previsões astrológicas para aquele ano. A matéria, que figura a capa do caderno, contém as previsões para o Planeta – é apresentado um “mapa universal” – e para cada signo zodiacal. Em sua fala, a astróloga entrevistada¹⁵ explica que “O mapa da

¹⁵ Lúcia Tavares, Doutora em Geografia e professora da UPFB.

Nova Era aponta para uma população planetária cada vez mais informada e tecnologizada, preocupada com o planeta Terra, disposta a trabalhar por ele e cada vez mais liberta dos medos impostos pela civilização e pelas religiões”.

Figura 15 – capa do Caderno Milenium com previsões astrológicas



Fonte: Jornal Correio da Paraíba, 13 jan. 2013.

Ainda acerca da Nova Era, a astróloga discorre sobre o que viria a ser esse novo ciclo planetário, e sua fala se avizinha ao discurso acerca da heterogeneidade da pós-modernidade:

Esse novo ciclo precisa das ações concretas que vêm sendo preconizadas desde os anos de 1960, quando as grandes transformações iniciaram de fato, no mundo, libertando as mulheres, os negros, os homossexuais, os povos nativos e todas as minorias pobres, das elites econômicas, cujo conservadorismo servia para manter o status quo, a exploração dessas minorias e dos recursos naturais. A desigualdade e a exploração econômica ainda persistem, assim como os discursos conservadores, ideologizados por algumas religiões, que associam a fé com o conservadorismo. (JORNAL CORREIO DA PARAÍBA, 13 jan. 2013).

A preocupação com os recursos naturais denota um traço pós-moderno. Se antes a natureza deveria ser dominada, agora ela deve ser (res)sacralizada e personalizada.

Assim, não é mais o *desenvolvimentismo* que prevalece, mas sim um consequente *envolvimentismo*. Nesse sentido, a estética consiste em se enrodilhar nas pregas desta terra e não mais em violentá-la a qualquer preço. Se, aqui, retomo uma expressão que propus para apreender os arcanos da pós-modernidade, é decerto uma *ética da estética* que está em gestação. Em seu sentido estrito, um vínculo criado a partir da partilha entre a beleza e as emoções que ela não deixa de provocar. (MAFFESOLI, 2010, p. 25).

Essa sensibilidade pós-moderna diante da natureza aponta para uma crescente tolerância e negação da supremacia humana. Sob esta ótica, o homem pós-moderno, principalmente o adepto do movimento *new age*, enxerga alma em todos os seres, e busca preservar e respeitar ao máximo a natureza e até mesmo os monumentos do passado (LIPOVETSKY, 2005). Este ente, que congrega no seu âmago a nostalgia pelos tempos idos, ainda assim não abre mão dos frutos da tecnologia. Por esta razão é que Maffesoli define a pós-modernidade como sendo a “sinergia entre o arcaico e o desenvolvimento tecnológico” (MAFFESOLI, 2004, p. 40).

A personalização da natureza na contemporaneidade é entendida por Maffesoli como uma grande diferenciação epistemológica com a modernidade. O sociólogo postula que

[...] a relação com o ambiente social está indissoluvelmente ligada à que remete ao ambiente natural. Inúmeros são os domínios onde uma tal “ecologização” do mundo é evidente. Seja na maneira (e na matéria) de se vestir, de se alimentar, no que diz respeito à qualidade de vida, sem esquecer as filosofias e outros modos de produzir, a natureza não é mais apenas objeto a explorar, mas torna-se parceira obrigatória. E é de se prever que esse vitalismo seja chamado a se desenvolver (MAFFESOLI, 1996, p. 28).

O processo de personalização analisado por Lipovetsky substitui a norma autoritária por uma norma mais suave e flexível, na forma de conselhos, no crescente e cada vez mais abrangente processo de informação midiática, e na sensibilização dos públicos não mais utilizando apelos catastróficos, mas fazendo uso do lúdico e do humorístico (LIPOVETSKY, 2005). Em *Tempo hipermodernos* o autor retoma esta ideia, mas ressalta que

[...] essa libertação em face das tradições, esse acesso a uma autonomia real em relação às grandes estruturas de sentido, não significa nem que desapareceu todo o poder sobre os indivíduos, nem que se adentrou num mundo ideal, sem conflito e sem dominação. Os mecanismos de controle não sumiram, eles só se adaptaram, tornando-se menos reguladores, abandonando a imposição em favor da comunicação. Já não usam decreto legislativo para proibir as pessoas de fumar: fazem-nas, isto sim, tomar consciência dos efeitos desastrosos da nicotina para a saúde e a expectativa de vida. (LIPOVETSKY, 2004, p. 20).

Essa adaptação dos mecanismos de controle ao processo de personalização contagiou diversas instâncias da sociedade, tornando-a um mosaico de múltiplas escolhas, que passeiam pelos modos de vestir, as práticas esportivas, as *filosofias de bolso*, quais os ramos da medicina mais adequados para si, e quais práticas terapêuticas utilizar. Mas, por mais opções que existam, todas desaguam na lógica do consumo.

Seguindo tal raciocínio, entendemos que não há forma de expressão, por mais que fuja ao usual e comercial, que esteja isenta dos tentáculos do consumo. Isso se dá pelo mecanismo de sedução, que forja a personalização, de maneira a inflá-la e estendê-la a mais e mais setores do cotidiano, transformando as coisas em símbolos e os símbolos em coisas.

É importante também a reflexão acerca da crescente participação do indivíduo no processo de escolhas. O ato de escolher o coloca como responsável, não apenas pela opção em si, mas por suas consequências, engendrando uma noção de autonomia, quando, na verdade, toda a deliberação, na visão de Lipovetsky atua para dirimir sua real capacidade de escolha, tornando o processo uma obrigação inexorável. No universo *new age*, particularmente, a crença na responsabilidade do indivíduo por sua saúde e prosperidade atinge graus elevados, assentando-o como figura central no procedimento terapêutico, incluindo, aí, a responsabilização não apenas pela cura, mas pelo adoecimento.

2.2.1.1 O discurso ecológico de sacralização da natureza

Como foi discutido no segundo capítulo, o ecologismo é traço marcante da Nova Era e da pós-modernidade, e é faceta que mais tem espaço na mídia. Embora esta pesquisa não seja quantitativa, podemos aferir que metade da construção simbólica do Jornal Ordem do Universo esteja centrada na ecologia e na busca pela harmonia do humano com a mãe terra – mito do sagrado feminino.

Acerca desta temática Maffesoli (2010) traça um panorama capaz de elucidar a transição da onipotência patriarcal para os pactos consensuais:

O “contrato social” que, a partir do século XVIII, estabeleceu-se, contrato social de essência racional, privilegiando o cérebro e domesticando as paixões e marginalizando as emoções, esse contrato social está sob todos os aspectos totalmente saturado. A lei do Pai: a de um Deus único, ou do Estado onipotente, a do patriarcado e da predominância masculina, está superada. É interessante, então, ver como se utiliza, sob múltiplas formas, o termo “pacto”. Pacto ecológico, pacto presidencial, pacto entre estados e pacto afetivo.

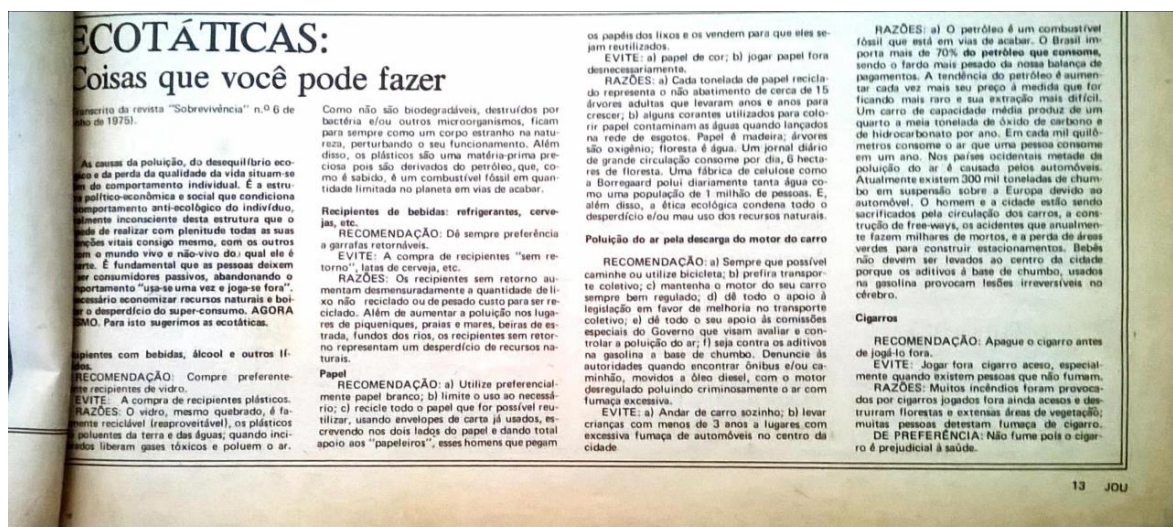
Tudo isso ressalta que, em seu sentido etimológico, o consenso (*cum sensualis*) não se reduz à racionalidade, mas comporta uma forte carga emocional. Que ele põe em jogo paixões e afetos diversos. Eis porque o deslizar das palavras, do *contrato ao pacto*, é completamente significativo. A mãe terra, “*Gaia*”, recupera sua honra e a *lei dos irmãos*, feita de horizontalidade, tende a reencontrar alguma força e vigor. É esse o desafio que a socialidade pós-moderna nos faz. Ela é mais *autóctone*, vinculada a esta terra, mais sensível também: os humores individuais e sociais ocupam nela um lugar de destaque. (MAFFESOLI, 2010, p. 52-53).

Ainda, é válido atentar para o fato de que parte do discurso do JOU no tocante à ecologia possui cunho eminentemente escatológico, como veremos nos exemplos adiante. Já o discurso do Milenium está associado aos avanços tecnológicos e o cuidado em preservação do planeta, eliminando completamente mensagens que possam engendrar uma leitura alarmista.

Em sua militância ecológica, o JOU já atentava para as consequências do desmatamento florestal, para os perigos da utilização de agrotóxicos no solo, a importância do reflorestamento e a criação de alternativas para a agricultura em escala industrial. Isso evidencia novamente o pioneirismo do JOU, que pode ser comprovado com publicação de coluna intitulada “*Ecotáticas: coisas que você pode fazer*”, que alerta para a premência de lutar pelo equilíbrio ambiental:

As causas da poluição, do desequilíbrio econômico e da perda de qualidade da vida situam-se além do comportamento individual. É a estrutura político-econômica e social que condiciona o comportamento anti-ecológico do indivíduo, geralmente inconsciente desta estrutura que o impede de realizar com plenitude todas as suas intenções vitais consigo mesmo, com os outros e com o mundo vivo e não-vivo do qual ele é parte. É fundamental que as pessoas deixem de ser consumidores passivos, abandonando o comportamento “usa-se uma vez e joga-se fora”. É necessário economizar os recursos naturais e boicotar o desperdício do super-consumo. AGORA MESMO. Para isto sugerimos as ecotáticas. (JOU, set/out 1975, p. 13).

Figura 16 – As dicas ecológicas do Jornal Ordem do Universo



Fonte: JOU set/out 1975, p. 13.

As ecotáticas são recomendações de como diminuir a emissão de poluentes, a exemplo da indicação de substituição do automóvel por bicicletas ou transporte coletivo, alertando para os aditivos à base de chumbo e aconselhando o engajamento político com o intuito de criar uma legislação em favor do transporte público; problemas que até os dias de hoje ainda não foram solucionados.

O desperdício, o superconsumo e o tratamento meramente utilitarista dos recursos naturais são constantemente refutados no discurso do JOU. Claramente, podemos perceber uma preocupação genuína para com o meio ambiente e o convívio harmônico de todas as espécies, sinalizando para o gérmen da ideia de sustentabilidade.

É válido mencionar a entrevista¹⁶ com o Engenheiro Agrônomo Sebastião, responsável pelas pesquisas de controle biológico da UnB. O diálogo entre o jornalista do JOU (a entrevista em questão não foi assinada) e o engenheiro tem como fio condutor a possibilidade de substituição de pesticidas químicos por métodos biológicos.

Há ainda um questionamento quanto à plantação de monocultura e o seu impacto ambiental, por esta ser responsável pelo aumento e a proliferação das pragas, além de gerar um desequilíbrio no ecossistema, aniquilando as defesas do solo.

¹⁶ CONTROLE Biológico: como reduzir o uso de inseticidas na agricultura. **Jornal Ordem do Universo**. Editoria Ecologia. Nov. / dez. 1975.

O mesmo assunto foi capa do Suplemento Milenium¹⁷, mas com abordagem diversa da militância ambientalista do JOU. A reportagem, que versa sobre descoberta de barreiras naturais para proteção das lavouras de cana de açúcar, atenta, assim como faz o JOU, para o impacto causado pela utilização sistemática de agrotóxicos no controle das pragas, todavia, não há os mesmos questionamentos quanto ao risco ambiental causado pela monocultura.

Figura 17 – capa do Milenium com temática ecológica

CORREIO DA PARAÍBA
MILENIUM
F1 Paraíba • Domingo, 20 de Janeiro de 2013

GUERRA contra as pragas da PLANTAÇÃO

Pesquisadores desenvolvem barreiras naturais para proteger as lavouras de cana

MARCELO RODRIGO

Uma nova variedade genética para aplicar em suas plantações. É assim que os pesquisadores da Estação Experimental de Cana-de-Açúcar, em Rio de Janeiro, desenvolvem barreiras naturais para proteger as lavouras de cana. A principal vantagem da técnica é a redução do uso de agrotóxicos, "que são muito caros e prejudiciais ao meio ambiente", afirma o pesquisador. "No entanto, apesar de serem naturais, os produtos não são 100% eficazes. Ainda assim, eles ajudam a reduzir o uso de agrotóxicos e a aumentar a produtividade das lavouras.", afirma o pesquisador. "No entanto, apesar de serem naturais, os produtos não são 100% eficazes. Ainda assim, eles ajudam a reduzir o uso de agrotóxicos e a aumentar a produtividade das lavouras.", afirma o pesquisador.

Coração morto

Um homem vai ao campo e encontra um coração morto. É assim que os pesquisadores da Estação Experimental de Cana-de-Açúcar, em Rio de Janeiro, desenvolvem barreiras naturais para proteger as lavouras de cana. A principal vantagem da técnica é a redução do uso de agrotóxicos, "que são muito caros e prejudiciais ao meio ambiente", afirma o pesquisador. "No entanto, apesar de serem naturais, os produtos não são 100% eficazes. Ainda assim, eles ajudam a reduzir o uso de agrotóxicos e a aumentar a produtividade das lavouras.", afirma o pesquisador.

Batalha de sobrevivência

Para a produção de cana-de-açúcar, a batalha é constante. É preciso controlar as pragas e as doenças. É assim que os pesquisadores da Estação Experimental de Cana-de-Açúcar, em Rio de Janeiro, desenvolvem barreiras naturais para proteger as lavouras de cana. A principal vantagem da técnica é a redução do uso de agrotóxicos, "que são muito caros e prejudiciais ao meio ambiente", afirma o pesquisador. "No entanto, apesar de serem naturais, os produtos não são 100% eficazes. Ainda assim, eles ajudam a reduzir o uso de agrotóxicos e a aumentar a produtividade das lavouras.", afirma o pesquisador.

SOBRE O CÂNCER DO APARELHO DIGESTIVO

O câncer do aparelho digestivo é possível de cura, desde que o diagnóstico seja precoce (no início da doença). Existem várias possibilidades de tentar prevenir o câncer digestivo. Alguns exemplos: o câncer do estômago está diretamente relacionado à infecção por *Helicobacter pylori*, que é diagnosticada por endoscopia e biópsia. Em relação ao intestino grosso, dietas ricas em fibras são importantes na prevenção do câncer. Entretanto, não devemos esquecer a predisposição genética e a idade do paciente. Portanto, exames preventivos de rotina, a partir dos 40 anos de idade, são fundamentais para o diagnóstico precoce, favorecendo a cura do câncer do aparelho digestivo.

CIRURGIA DO APARELHO DIGESTIVO - CIRURGIA GERAL - CIRURGIA DE CÂNCER DO APARELHO DIGESTIVO-VIBROCIURGIA
DR. MARCELO RANGEL - CRM 166578
Prof. Dr. de Cirurgia da UFRB, Membro Titular do Colégio Brasileiro de Cirurgias Digestivas, Membro Titular da Academia Paraibana de Medicina.
CONSULÓRIO: Cooperativa dos Cirurgiões da Paraíba - Rua João Domingos, 68, Tamboré, João Pessoa. Tel. (83) 3244-5822 / (83) 3986-4229 / Fax: (83) 3244-5112 / Dr. Marcelo: (83) 3542-5638 / Email: marcelorangel@gmail.com
Sextas-feiras das 14 às 17 horas.

Fonte: Jornal Correio da Paraíba, 20 jan. 2013.

2.2.1.2 O discurso de autodesenvolvimento

Amaral (2000) evidencia que o discurso do autodesenvolvimento é baseado nas filosofias holísticas e no ato de correspondê-las às teses de divulgação científica. Podemos comprovar essa assertiva nas reportagens publicadas no Milenium, uma vez que o JOU

¹⁷ RODRIGO, Marcelo. Guerra contra as pragas da plantação. **Correio da Paraíba**. João Pessoa, 20 jan. 2013.

constrói maneira própria de lidar com tais questões, trazendo uma perspectiva de rompimento com o paradigma cartesiano e estabelecendo uma ordem discursiva que prescinde da utilização do discurso autorizado dos especialistas.

Em 24 de fevereiro de 2013, o Milenium publica na sua terceira página uma matéria assinada pelo médico brasileiro Anderson Moreira da Rocha sobre o gengibre e sua importância na medicina tradicional indiana – a Ayurveda. No subtítulo há a descrição da planta como sendo um remédio universal, elegendo-o à condição de panaceia indiana. Detendo-nos somente ao termo panaceia podemos corroborar que, para legitimar a eficácia da qualidade medicinal do gengibre há que encaixá-lo num conceito grego, e, portanto, ocidental.

O gengibre apresenta propriedades terapêuticas sobre o sistema digestivo, pois estimula a liberação de enzimas que promovem o esvaziamento do estômago. Tem sido utilizado com êxito no tratamento de náuseas e vômitos em diversas doenças, é efetivo nos enjôos da quimioterapia, além disto estudos demonstraram benefícios em baixar o nível do colesterol e reduzir a aderência as plaquetas (sic).

[...] O Ayurveda classifica o gengibre como uma raiz de sabor picante, energia quente, pacifica Vata e Kapha mas pode agravar Pitta se utilizado em excesso. Podemos também utilizar o gengibre na culinária como um excelente condimento aumentando o sabor picante e a energia quente das receitas vegetarianas. (JORNAL CORREIO DA PARAÍBA, 24 de fev. de 2013, p. F3).

Para descrever as propriedades terapêuticas do gengibre é construída uma argumentação com base na medicina alopática, gerando uma hibridez conceitual, que oscila entre a razão da ciência moderna e a sensibilidade da medicina tradicional indiana. Além disso, posiciona a questão terapêutica num plano utilitarista.

Figura 18 – Reportagem do suplemento Milenium sobre planta medicinal

[illegible]

Fonte: Jornal Correio da Paraíba, 24 de fev. 2013.

Para Lipovetsky (2005), ainda que o indivíduo narcísico esteja liberto da culpabilidade moral ele cresce na prisão da angústia e da ansiedade. Tal indivíduo deve ser o gestor de sua própria saúde e por isso deve sempre estar preocupado com ela, munindo-se de informações e experimentando diversas terapias alternativas, práticas esportivas e experiências místico-religiosas.

O exposto acima evidencia o fenômeno de personalização narcísica cujas características repousam num eu fragmentado, obediente a múltiplas e aleatórias lógicas oriundas do surgimento de novas técnicas que priorizam os tratamentos rápidos e as terapias que promovem uma tomada de consciência de si e subjetivam o processo de adoecimento (LIPOVETSKY, 2005).

2.2.2 Inseridos no *hic et nunc*

Quizá uma das particularidades mais emblemáticas da modernidade, como exposto anteriormente, seja a crença no progresso e no tempo futuro. O desejo do porvir tem se

evanescido a partir de eventos soturnos, que abalaram a confiança nos tempos que virão, como as crises do capitalismo, as grandes guerras, as falências políticas e os avanços dos totalitarismos em pleno século XX (LIPOVETSKY, 2004).

Tais acontecimentos atuaram no imaginário, de maneira a forjar novos sonhos e modificar a perspectiva da sociedade, mas isso só foi possível em virtude de pequenas e numerosas revoluções cotidianas surgidas a partir daí. Essas, por sua vez, serviram de fermento para sua vicejante cria: o coroamento do aqui-agora (Id., ibid.).

A descrença no triunfo dos tempos futuros esvaziou a ideologia política da modernidade, levando a uma onda de despolitização, que substitui o ativismo político por ideais de consumo, e, conseqüentemente, hedonistas:

A primazia do presente se instalou menos pela ausência (de sentido, de valor, de projeto histórico) que pelo excesso (de bens, de imagens, de solicitações hedonistas). Foi o poder dos dispositivos subpolíticos do consumismo e da moda generalizada o que provocou a derrota do heroísmo ideológico-político da modernidade. O coroamento do presente se iniciou muito antes que se houvessem enfraquecido as razões para ter esperança num futuro melhor: esse coroamento precedeu em várias décadas a queda do Muro de Berlim, o universo acelerado do ciberespaço e o liberalismo globalizado. (LIPOVETSKY, 2004, p. 61).

Com o advento do presentismo (termo utilizado por Gilles Lipovetsky¹⁸), inaugura-se um novo *Zeitgeist*, mais otimista e completamente tolerante com a convivência de duas práticas anteriormente contrárias: a contestação e o consumo. O novo *Zeitgeist* também origina um rompimento com o sentido de continuidade histórica, e, por consequência, com a vida orientada para a política.

Em entrevista concedida a Juremir Machado (1993), em resposta à indagação sobre a possibilidade de fim da política, responde Maffesoli que:

Trata-se do fim de um sentido da palavra política, aprendido no fim do século XVIII, uma concepção da vida voltada para o futuro. É essa noção que repousa sobre o projeto, mais preocupada com o amanhã do que com o hoje, que acredito estar superada. Parece-me que na atualidade o futuro não interessa mais à vida social, ao povo. Falemos do povo: as pessoas banais que vivem o cotidiano não se importam mais com o futuro. (MAFFESOLI, 1993. Lido em dispositivo eletrônico, posição 8-14).

Embora a expressão “pessoas banais” utilizada por Maffesoli possa denotar desdém, significa justamente o seu oposto: é da ação das pessoas comuns que o cotidiano é formado e

¹⁸ Cf. Michel Maffesoli, que utiliza o termo presenteísmo para se referir à mesma realidade.

adquire sua vitalidade. Atenta para a importância de contemplar –lançar um olhar sensível para – o pulsar cotidiano, as pequenas agitações que tomam lugar para muito além do que despertaria o interesse da *Intelligentsia*.

A pós-modernidade, reflete Maffesoli (1993) – tal como a Idade Média – debruça-se sobre o cotidiano, da mesma forma que em outros momentos históricos vivenciou-se a primazia das utopias majestosas. E vivenciar o cotidiano pressupõe estar inserido no aqui-agora.

O desprendimento da vida orientada para o futuro é também uma característica da filosofia *new age*. O gozo do presente para a perspectiva da Nova Era assume muitas vezes teor moralizante, ou, até mesmo, um poder libertador. Exemplo disso é o conselho-advertência da astróloga Lígia Tavares, no tocante às mudanças astrológicas que ocorreriam em 2013:

As mudanças fazem parte da vida. Tudo no universo é dinâmico e muda a todo instante, portanto sofrem mais àqueles [sic] que querem controlar a sua vida e dos que estão ao seu redor. Sofrem ainda os que se preocupam porque ocupam a mente ao invés de viver a vida e aproveitar o presente. (JORNAL CORREIO DA PARAÍBA, jan. 2013).

A fala da astróloga ilustra o conteúdo moralizante presente no discurso *new age*, associando a preocupação com o futuro ao sofrimento, e à incapacidade de aceitação da mudança – característica do universo e da vida.

O tempo presente como poder libertador adquire contornos inéditos no cotidiano da Nova Era com o *best-seller* “O poder do Agora”, de Eckhart Tolle (2010). O livro é um manual de autoajuda para a libertação das amarras do pensamento voltado para o futuro, ou demasiadamente preso ao passado. Nele, o autor incita o leitor a meditar, incluindo, para tanto, o caractere (J¹⁹) para indicar pausas na leitura com vistas à reflexão.

Assevera Ekchart Tolle que:

No momento em que a nossa atenção se volta para o Agora, percebemos uma presença, uma serenidade, uma paz. Não dependemos mais do futuro para obtermos plenitude e satisfação, não o olhamos mais como salvação. Consequentemente, não estamos mais presos aos resultados. Nem o fracasso nem o sucesso têm o poder de alterar o estado interior do Ser. (TOLLE, 2010, posição 994-1002).

¹⁹ LIPOVETSKY, 1984. Lido em Kindle, posição 123.

A maneira de pensar e vivenciar o agora possibilita a irrupção do “*homo psychologicus*” pós-moderno – utilizando a expressão de Lipovetsky²⁰ – em contraponto ao *homo politicus*, que aos poucos desaparece. O *homo psychologicus* volta a sua preocupação para o bem-estar individual, característica primeva de uma sociedade narcísica.

2.3 A mídia e as nuances moderna e pós-moderna

Como discutimos até então, credita-se à modernidade a tentativa de apagamento do passado e o desterro da tradição em detrimento das promessas do progresso. O advento do capitalismo racionalizou as práticas e moldou progressivamente a mentalidade e a ação social.

Tal visão de mundo teve papel crucial na formação e desenvolvimento do projeto iluminista. Eleita ao posto de inimiga do projeto em questão, a tradição representava a mistificação, que ocultava a real natureza das dinâmicas sociais e impedia os avanços do nascente sistema de produção. O capitalismo, que tem em sua gênese um estado de mudança e adaptação, precisou, portanto, sufocar o que havia de perene no seio da sociedade: o sistema mítico, a tradição.

A temática em questão é abordada por John B. Thompson, em “A mídia e a modernidade” (1995), que questiona se, de fato, a modernidade conseguiu sufocar os elementos advindos das ditas sociedades tradicionais.

É importante detalhar o que é a tradição para Thompson, cuja conceituação passeia pelo que foi postulado por Weber, Marx, Beck e Giddens (dentre outros), mas culmina em um aporte teórico até então inédito: a inclusão dos estudos da mídia na equação da construção da modernidade.

Formula Thompson que a tradição, do latim *traditum*, é tudo aquilo que advém de um passado. O autor a divide em quatro aspectos que, explica, estão fundidos e imbricados, mas que, para facilitar o sentido da palavra, devem ser plenamente entendidos separadamente (THOMPSON, 1995).

O primeiro deles é o aspecto hermenêutico, que entende a tradição como “um esquema interpretativo, uma estrutura mental para entender o mundo” (THOMPSON, 1995, p. 163). Indo ao encontro das ideias de Heidegger e Gadamer, filósofos da hermenêutica, Thompson afirma que “toda compreensão se baseia em pressuposições, isto é, num conjunto de conceitos que temos como certos e que fazem parte da tradição a que pertencemos” (idem).

²⁰ Idem.

Nesse sentido, o pensamento hermenêutico acerca da tradição afirma que o iluminismo não é a negação da tradição, mas se constitui enquanto outro modelo de tradição, ou seja, nas palavras de Thompson (1995, p. 163), “um conjunto de suposições aceitas-como-verdadeiras-sem-exame-prévio que fornecem uma estrutura para a compreensão do mundo”.

Outra característica da tradição, ainda segundo Thompson, é o aspecto normativo, que é o conjunto de padrões de comportamentos advindos do passado que se perpetuam no tempo presente, e orientam a conduta social. A tradição atua de maneira a nortear as práticas, até que estas estejam impregnadas na rotina cotidiana. Pode agir também legitimando certas práticas, naturalizando-as até que acabem sendo justificadas tendo como referência a própria tradição.

O terceiro aspecto da tradição é o legitimador, que serve de aliado ao exercício de poder. Tal característica foi amplamente estudada por Weber e é descrita por Thompson da seguinte forma:

De acordo com ele, há três maneiras principais de estabelecer a legitimidade de um sistema de dominação. Reivindicações de legitimidade podem se basear em fundamentos racionais, envolvendo uma crença na legalidade de normas promulgadas (que Weber chama de “autoridade legal”); podem se basear também em fundamentos carismáticos, implicando a devoção à santidade ou ao caráter excepcional de um indivíduo (autoridade carismática); ou podem se basear em fundamentos tradicionais, envolvendo uma crença no caráter sagrado de tradições imemoriais (“autoridade tradicional”). (THOMPSON, 1995, p. 164).

Por último, o quarto aspecto da tradição para Thompson é o identificador, que se desdobra em dois tipos: a autoidentidade e a identidade coletiva. A primeira, a autoidentidade, é caracterizada como sendo “o sentido que cada um tem de si mesmo como dotado de certas características e potencialidades pessoais, como um indivíduo situado numa certa trajetória de vida” (THOMPSON, 1995, p. 164). Já a identidade coletiva é o sentido individual inserido em um grupo social. Agrega-se aí o sentimento de pertença.

É de extrema importância atentar para a relevância das transformações provocadas pelo desenvolvimento dos meios de comunicação na natureza de tais conteúdos simbólicos. Postula Thompson que, na modernidade, a transmissão dos elementos que compõem a tradição foi sumariamente modificada com o advento da mídia. Embora não tenha mitigado as tradições, sua ancoragem emigra dos locais antes compartilhados no cotidiano comunitário para a mediação midiática.

Sobre essa temática, afirma Thompson que:

O declínio da autoridade tradicional e dos fundamentos tradicionais da ação não significa a morte da tradição, mas antes sinais de mudança na sua natureza e no seu papel, à medida que os indivíduos confiam mais e mais nas tradições mediadas e separadas de contextos compartilhados para dar sentido ao mundo e para criar um sentido de pertença. (THOMPSON, 1995, p. 166).

Dentre as consequências do processo de transformação acarretado pela mídia, destacam-se três, elencadas pelo autor (THOMPSON, 1995) da seguinte maneira:

1) Como as comunicações mediadas se fixam em substratos materiais (mídia impressa, radiofônica, televisiva), elas possuem um alto grau de permanência temporal, prescindindo, muitas vezes, da interação face a face, característica das sociedades ágrafas.

A fixação dos conteúdos simbólicos anteriormente requeria a contínua e ritualizada repetição nas atividades cotidianas. Com o advento da mídia, certa independência é instaurada, acarretando uma desritualização da tradição, o que não implica a eliminação dos elementos que a compõem, apenas uma reconfiguração.

Devemos atentar para a apropriação dos conteúdos simbólicos pela mídia, mas também para o caminho inverso: a apropriação dos produtos midiáticos nas relações cotidianas. A introdução da produção midiática nas interações face a face, a exemplo da utilização de livros, matérias jornalísticas e filmes em sala de aula e no âmbito familiar.

2) A transferência mediada da tradição engendra sua despersonalização. Isso se dá através da separação da autoridade da tradição com os indivíduos que outrora detinham tal poder. Assim, a tradição adquire contornos próprios e independentes. É válido, porém, atentar para o fato que de esse processo não é uniforme e absoluto. Pelo contrário.

O desenvolvimento da mídia, em especial da televisão, possibilitou novas maneiras de se criar vínculos entre a tradição e seus transmissores, indo no sentido de uma “repersonalização”. Thompson ilustra tal retorno com a presença de líderes religiosos apresentadores de programas televisivos, cuja mensagem é difundida em grande escala, mas que, mesmo assim, não promove uma verdadeira interação face a face recíproca, aos moldes tradicionais. Tal mediação gera o efeito de “intimidade não recíproca à distância” (THOMPSON, 1995).

3) No momento em que as tradições se vinculam aos meios de comunicação, há também um deslocamento destas de seus lugares espaciais. Isso implica um rompimento os limites da comunicação oral face a face e um aumento do alcance de tais tradições, uma vez que agora não estão mais circunscritas num espaço-tempo limitado.

De acordo com Thompson, “o desenraizamento foi a condição para a reimplantação das tradições em novos contextos e para a nova ancoragem das tradições a novos tipos de

unidades territoriais que iam além dos limites das localidades compartilhadas” (THOMPSON, 1995, p. 174).

O desenraizamento das tradições possibilitado pela mídia nos parece ser um dos fenômenos que facilitou o trânsito e o resgate das tradições orientais no ocidente. Acreditamos que o caleidoscópio simbólico da Nova Era teve como facilitadora a divulgação das filosofias em escala midiática.

A presença de periódicos especializados, como o *Jornal Ordem do Universo*, possibilitou a difusão de um conhecimento antes confinado nas escolas iniciáticas, que aconselhavam aos discípulos guardar discrição quanto ao conteúdo aprendido.

Não fosse a mediação proporcionada pela mídia, os ensinamentos de gurus orientais, indianos, em sua maioria, continuariam circunscritos nas imediações dos seus ashrams, templos ou escolas, levando muito tempo para ser difundido para além de seus muros.

Devemos pensar a Nova Era como um estilo de vida iniciado na modernidade. Por estilo de vida utilizamos a definição de João Freire Filho (2003):

Um estilo de vida envolve um conjunto de hábitos e orientações, e possui, conseqüentemente, uma certa unidade (importante para uma sensação constante de “segurança ontológica”) que associa as opções de compra, serviço e lazer a um padrão mais ou menos ordenado. (FREIRE FILHO, 2003, p. 74).

Uma vez rompido o elo com as formas de estar junto das comunidades tradicionais pré-modernas, o estilo de vida atua como uma “âncora identitária” dos indivíduos pós-modernos (FREIRE FILHO, 2003).

3 PANORAMA DO MITO E SUA PRESENÇA NO UNIVERSO NOTICIOSO

3.1 O mito em sua perspectiva sagrada

É comum encontrarmos, em uma definição ligeira, o sinônimo de *mito* como falsidade, ou total desconexão com a realidade. No universo noticioso, frequentemente nos deparamos com matérias apresentando um rol de mitos sobre esta ou aquela temática (“dez mitos sobre o emagrecimento”, “benefícios do café, verdade ou mito), e prontamente identificamos que a lista apresentada trata de falácias difundidas que serão elucidadas, geralmente com a ajuda do discurso especializado.

Com frequência, o conhecimento nascido no seio do senso comum, dificilmente passível de ser rastreado em meio à temporalidade linear, é desqualificado com o duro argumento de que “isto é mito”. O mitólogo Joseph Campbell, em seu livro “Isto és tu: Redimensionando a metáfora religiosa” (2002), relata o episódio no qual concedeu entrevista de meia hora a uma rádio. O entrevistador, de pronto, advertiu-o de que era duro, pois havia estudado direito. Assim, a entrevista se seguiu com a repetição exaustiva, por parte do entrevistador, da assertiva de que o mito é uma mentira, uma falsidade. Campbell, por sua vez, replicava que o mito, para além de uma falácia, constitui-se como metáfora.

A definição de mito para o historiador das religiões Mircea Eliade (1972) é a de este ser uma história sagrada, que relata um acontecimento situado num tempo primordial ou fabuloso. Ele, o mito, é uma narrativa da criação, *in illo tempore*, capaz de descrever ou remontar os brotares do sagrado ou do sobrenatural no universo. É através desses lampejos do sagrado que o mundo é percebido no hoje, e é por esta razão – muitas vezes traduzida na intervenção de seres sobrenaturais – que o homem é o que é.

Há, porém, uma diferenciação muito clara do que é de fato um mito, e do que é uma fábula, e esta diferenciação se faz presente entre as sociedades ágrafas. Para elas, o mito é uma história verdadeira, diferente da fábula e do conto, a que chamam de histórias falsas. “Em suma, nas histórias ‘verdadeiras’, defrontamo-nos com o sagrado e o sobrenatural; as ‘falsas’, ao contrário, têm um conteúdo profano” (ELIADE, 1972, p. 11).

Para Campbell (2002), cujo já mencionado livro nasceu junto com sua necessidade de explicar a função do mito, motivada justamente pelo episódio da entrevista, o mito cumpre quatro funções, detalhadas a seguir.

A primeira função do mito é a de alinhar a consciência do ser com o mistério do universo, ou nas palavras de Campbell, “harmonizar a consciência com as pré-condições de

sua própria existência” (2002, Posição 286 de 2649, lido em fonte tamanho 4²¹). As mitologias, através dos rituais, atuam de maneira a impelir o ser humano a se distanciar da própria vida, para, assim, afirmá-la e a reconhecer como tal.

A mitologia pode ser apreendida pela consciência como afirmação do mundo como ele é, como negação da natureza mundana, ou como sua restauração ao que deveria ser originalmente. Independente da abordagem, a primeira função do mito é a de “despertar na mente um sentimento de assombro perante essa situação mediante uma entre três formas de participar dela: exteriorizando, interiorizando ou efetuando uma correção” (CAMPBELL, 2002, Posição 305 de 2649, lido em fonte tamanho 4).

A primeira função do mito é denominada *religiosa* ou *mística*, pois representa o assombro diante do mistério do ser, para, em seguida, haver seu reconhecimento. Esse mistério envolve as noções de criação de um mundo bom, do surgimento de um princípio maléfico causador de uma queda e, por isso, responsável pela condição humana, imperfeita e infeliz. Tais noções se fazem presentes no zoroastrismo e na tradição bíblica, que também comungam da crença na existência de um princípio salvífico ou redentor, que, ao final dos tempos, atuará na restauração do universo.

A segunda função do mito é a *interpretativa*, que atua na representação imagética do conceito de ordem no universo. Essa imagem, explica Campbell (2002), passou a existir por volta de 3200 a.C, juntamente com a noção de que a humanidade é coparticipante desta ordem.

Se nas sociedades primitivas o assombro era gerado pela observação do comportamento e da aparência de alguns animais, por estes se destacarem de seu grupo, na era das grandes civilizações, a experiência do *tremendum* misterioso – expressão largamente utilizada por Campbell – dava-se pela observação do cosmos. Esse mistério, todavia, gera perplexidade pelo fato de se manifestar sob uma natureza impessoal e tão velada, que nem sequer o endereçar de preces o atingiria (CAMPBELL, 2002).

Este fenômeno, como bem observa o autor, ainda pode ser visto na ciência hodierna, cujo véu que encobre o grandioso mistério é a matemática do espaço e do tempo. É válido fazer referência que, para ele, todas as mitologias tradicionais são reflexos da ciência de sua época.

²¹O texto em questão foi lido através de um leitor de e-book Kindle, cuja visualização se dá pela posição em referência ao conteúdo global do arquivo, e não pelo número de páginas. Como ainda não há um padrão de citação de tais fontes de leitura nos manuais da ABNT (Associação Brasileira de Normas e Técnicas), optamos por esta maneira de indicar a passagem transcrita.

A mitologia também atua de maneira a reforçar e validar ordens morais específicas pertencentes às sociedades das quais são originárias. Para tal, a mitologia vai ao encontro dos símbolos e linguagem familiares a esse grupamento cultural específico. Essa qualidade se constitui na terceira função do mito. Para as mitologias tradicionais, “a ordem moral está organicamente, ou de alguma maneira uniforme, relacionada com a ordem cósmica”²² Assim, através desta função, a mitologia age de modo a legitimar a moral vigente, adequando as pessoas a regras de conduta específicas.

Os ritos de passagem, como ilustra Campbell, objetivavam fazer com que os iniciandos se dessem conta de que já não habitavam o mesmo corpo de quando crianças. Através de rituais, que incluíam a escarificação e pequenas cirurgias, havia a incorporação deste corpo à coletividade.

A terceira função do mito pode acarretar em um obstáculo complexo e difícil de ser resolvido. No momento em que as instituições sociais se apropriam e utilizam o mito de maneira coercitiva, principalmente se a estrutura mitológica não mais condiz com a experiência humana, há uma dissociação mítica. Essa insistência em manter determinada estrutura culmina na rejeição ou no alijamento dos indivíduos das “noções explicativas a respeito da ordem de suas vidas”.²³

A quarta função do mito atua na psique dos indivíduos, auxiliando-os a atravessar os inúmeros estágios críticos de suas existências e fazendo-os compreender a vida em sua totalidade. Aprender a vida em sua integridade significa, para Campbell (2002), a aquiescência dos processos significativos, muitas vezes dolorosos, que um indivíduo experimenta a partir do nascimento, seguindo a linha da vida – até a morte – de maneira harmônica consigo próprio, com sua cultura, com o universo e com o transcendente *mysterium tremendum*.

Para Mircea Eliade (1972), a função do mito é a de trazer modelos exemplares das atividades humanas e de seus ritos. Os mitos guardam características comuns, quais sejam: 1) contam a história dos feitos dos *Entes Sobrenaturais*; 2) são considerados totalmente verdadeiros e sagrados, justamente por contarem a história de tais entes; 3) sempre narram uma criação, seja de um comportamento, instituição ou da natureza, e, por esta mesma razão, são tidos como paradigmas dos atos humanos; 4) ao conhecer um mito em sua totalidade, chega-se à origem de todas as coisas, e, com isso, há a possibilidade de apreensão e domínio

²² (CAMPBELL, 2002, Posição 329 de 2649, lido em fonte tamanho 4).

²³ (Ibid., Posição 342 de 2649, lido em fonte tamanho 4).

do domínio destas pelo homem; 5) o mito é sempre vivido, seja desta ou daquela maneira, “no sentido de que se é impregnado pelo poder sagrado e exaltante dos eventos rememorados ou reatualizados” (ELIADE, 1972, p. 18).

O mito, portanto, é um ingrediente vital da civilização humana; longe de ser uma fabulação vã, ele é ao contrário uma realidade viva, à qual se recorre incessantemente; não é absolutamente uma teoria abstrata ou uma fantasia artística, mas uma verdadeira codificação da religião primitiva e da sabedoria prática. (MALINOWSKI apud ELIADE, 1972, p. 19).

Eliade conclui sua descrição das funções do mito com citação direta do antropólogo Malinowski, o que demonstra a sua total anuência às ideias deste. O mito, para além de satisfazer uma curiosidade meramente científica, atua como um reviver da realidade primeva, satisfazendo aspirações religiosas, morais, ditames da ordem social e também questões práticas (ELIADE, 1972).

O mito para Carl Gustav Jung não está subordinado a nenhuma racionalidade. Na verdade, para ele, é o racional que está vinculado ao mito, e que dele não pode fugir. A compreensão do mito é de que este é uma forma autônoma de organização do pensamento e cognição humanos.

3.2 O mito na contemporaneidade

A definição de mito para Roland Barthes (2009) é coesa, mas guarda um significado complexo: o mito é uma fala. Contudo, nem toda fala se constitui num mito. Para que uma fala ascenda à condição de mito são necessárias condições específicas. O mito não pode ser conceito, nem objeto, muito menos uma ideia. Ele é uma forma.

O sintagma fala, utilizado por Barthes para descrever o mito, deve ser entendido como mensagem constitutiva de um sistema semiológico, e, portanto, não necessariamente tem que ser verbal. Unindo essa proposição à ideia de que qualquer coisa pode ser um mito, o autor afirma que o texto escrito, a fotografia, anúncios publicitários, esporte, podem servir de substrato para a fala mítica.

Para Barthes o mito exerce uma dupla função: a de designar e notificar, ou seja, a de fazer compreender e impor, o que se coaduna com a terceira função do mito, presente na teoria de Joseph Campbell.

Cada objeto pode passar do seu estágio de existência fechada, meramente objetual, para ascender à condição de mito. Uma pedra pode apenas ser vista como cascalho, mas para determinado povo, pode ser eleita representante de suas cosmogonias, ou como parte integrante e formadora de um espaço sacralizado, não mais pertencente a um tempo comum.

Quando os objetos ou a própria natureza são objeto recorrente da nossa fala, ou seja, quando estes passam a ter uma utilidade social, estas coisas deixam de ser puramente matéria para adquirir novos sentidos no imaginário humano.

Embora tenhamos transpassado há muito o estado de arcaicidade onde o mito ainda pulsava vivo e era elemento central na sociedade, sua força é tal na ontologia humana, que continua presente na nossa maneira de enxergar o mundo.

Talvez a prova desta assertiva é a psicanálise, ou até mesmo a psicologia analítica, que fazem uso dos sistemas míticos para explicar aspectos latentes da consciência. Para Jung, não há como estudar os mitos sem recorrermos às noções de arquétipo e inconsciente coletivo.

Observando o fenômeno da recorrência – e até mesmo do engendrar – de determinadas mitificações, Mircea Eliade (1972) dedica capítulos do seu livro “Mito e Realidade” para descrever como o mito se faz presente na sociedade moderna.

O desejo de retorno às origens nos parece, assim como para Eliade, estar no cerne dos processos humanos. Este desejo de retorno pode se manifestar no mito de um jardim celestial, na aurora do mundo, ou simplesmente nos ideais de uma sociedade primitiva ou anterior à atual.

Eliade traz à tona inúmeros exemplos na cultura moderna que evidenciam essa tendência ao retorno: A necessidade de vivenciar a igreja cristã primitiva por parte dos cristãos da Reforma Protestante; A tomada de paradigmas espartanos e romanos pelos intelectuais da Revolução Francesa; A obsessão pela antiguidade dos povos europeus (húngaros, romenos), que iam buscar em suas origens provas de nobreza – daí o germe do mito racista revalorizado principalmente na Alemanha nazista (ELIADE, 1972).

Eliade (1972) aponta também a presença do mito no comunismo marxista, o que provavelmente não seja uma ideia acolhida pelos adeptos do marxismo. Para ele, Marx retoma o mito escatológico do Redentor Justo, cujos atributos recaem não mais sobre a figura salvífica de um avatar, e sim sobre a classe proletária. O sofrimento deste redentor libertará o mundo e o transformará num lugar justo e equilibrado.

Marx enriqueceu esse mito venerável de toda uma ideologia messiânica judeu-cristã: de um lado, o papel profético e a função soteriológica que

atribui ao proletariado; de outro lado, a luta final entre o Bem e o Mal, que pode ser facilmente comparada ao conflito apocalíptico entre Cristo e Anticristo, seguido da vitória definitiva do primeiro. É de fato significativo que Marx retome por sua conta a esperança escatológica judeu-cristã de uma finalidade absoluta da História; nesse ponto ele se afasta dos outros filósofos historicistas (por exemplo, Croce ou Ortega y Gasset), para os quais as tensões da história são consubstanciais da condição humana e não podem, portanto, jamais ser completamente abolidas. (ELIADE apud ELIADE, 1972, p. 129).

Nos meios de comunicação podemos detectar mitificações de múltiplas ordens, seja de celebridades eleitas à condição olimpiana, de pessoas comuns tratadas como heróis, personagens fictícios encarnando mitos arcaicos ou até mesmo na descrição e exemplificação de comportamentos “exemplares”.

Comportamentos míticos poderiam ser reconhecidos na obsessão do “sucesso”, tão característica da sociedade moderna, e que traduz o desejo obscuro de transcender os limites da condição humana; no êxodo para os subúrbios, onde se pode detectar a nostalgia da “perfeição primordial”; na intensidade afetiva que caracteriza o que se denominou de “culto do automóvel sagrado.” (ELIADE, 1972, p. 130).

Aspectos corriqueiros da vida cotidiana foram observados pelos pensadores sob o prisma das mitologias. Os ensaios de Roland Barthes no livro “Mitologias” discorrem sobre os mais variados temas presentes nos veículos de comunicação, que vão desde comerciais de sabão em pó, lutas televisionadas, aos casamentos presentes nas colunas sociais.

3.2.1 A narrativa milenarista da Nova Era

É parte constitutiva da Nova Era um conteúdo fortemente milenarista e escatológico, identificado na crença do estabelecimento do reino dos céus na Terra, após um período marcado por catástrofes. Em qualquer que seja a corrente de pensamento do universo esotérico, verifica-se a presença de diversas interpretações de profecias que apontam para o final doloroso de um ciclo e início benfazejo de outro. Nesta perspectiva, o que nós vivemos é um momento de intersecção (a saída da Era de Peixes e entrada na Era de Aquário), cujos sinais seriam as catástrofes.

Um exemplo significativo da supracitada asserção é o da interpretação do Calendário Maia, que culminou em um sem número de profecias a respeito do final do ano de 2012. Para

os intérpretes das profecias, o final deste ano seria marcado pelo encerramento definitivo do calendário – a Era de Peixes – e início da promissora Era de Aquário.

Em meados do segundo semestre de 2012, o Sol brilhará tão intensamente que seus raios dourados invadirão todas as células de cada ser vivo em todo o planeta. Antes deste grande acontecimento, teremos, em razão da mudança de polaridade da Terra, três dias de extrema escuridão; nesse momento, o medo da humanidade chegará a seu ápice. Durante 72 horas, teremos apenas escuridão, todos os sistemas de comunicação entrarão em colapso e o medo maior do ser humano se manifestará em sua plenitude; reclusos e pensativos, todos se manterão em um estado de culpa e, nesse momento, estarão sob o domínio da mente de Poseidon (Netuno, o Rei dos Mares). Para os descrentes em Deus e para muitos, será o presságio do fim dos tempos, mas no quarto dia o Sol reaparecerá com uma Luz Brilhante e Dourada nunca vista antes por nenhum ser humano. Veremos no horizonte um Novo Sol que trará consigo do verdadeiro presságio: **A Era de Ouro chegou!!** (TORRES, ZANQUIM, 2010, p. 16-17).

Citando Jean Séguy, o historiador Jean Delumeau conceitua o milenarismo como sendo “um retorno a um modelo de princípio e um aperfeiçoamento dessa mesma matriz” (SÉGUY, *apud* DELUMEAU, 1997, p. 11). Para o autor, o milenarismo está presente também nas religiões que acreditam em renovações cíclicas do universo, como é o caso do budismo escatológico.

Michael Grosso, em seu livro “O mito do milênio: espiritualidade, amor e morte no fim dos tempos”, argumenta que o mito do milênio preenche uma necessidade humana pela transformação. Embora traga consigo uma carga catastrófica e inexorável – em quaisquer das culturas em que esteja presente – o milenarismo abriga uma alta dose de esperança na renovação. É por esta razão que a não-realização de uma profecia não acarreta na extinção da crença no milenarismo, e sim no surgimento de novos profetas e novas escatologias.

A persistência do Mito demonstra como está profundamente enraizada nossa necessidade de encerramento de um período e de transcendência. Dirige-se à paixão humana comum por significado, ao desejo de reinventar a história humana, à ânsia do homem de ligar-se a alguma coisa maravilhosa, alguma coisa sublime. (GROSSO, 1999, p. 23).

Aquilo que identificamos como discurso milenarista na Nova Era, na verdade é algo que vem se desenrolando desde muito cedo na história humana até culminar no que hoje entendemos apenas como uma reformulação acarretada por mudanças culturais profundas na esteira do tempo. Talvez o mais conhecido, e por isso, mais emblemático, seja o Apocalipse de João de Patmos, último livro do Novo Testamento, mas, como nos mostra a história das

religiões, podemos encontrar o mito do milênio nas profecias de Zoroastro, nos livros de Daniel e Isaías (Antigo Testamento) e em incontáveis narrativas das religiões orientais.

A crença no Milênio, em uma nova era, faz parte de um antigo padrão de pensamento mítico. Além disso, é muito forte a sensação de que estamos hoje em uma encruzilhada. Temos um dos sinais desse fato na busca de um “novo paradigma”. *Novo paradigma, nova era, revolução da consciência* – são termos populares, com raízes em uma longa tradição de pensamento sobre fins e primórdios. Na opinião de numerosas pessoas, os sinais dos tempos, variando de notícias de fenômenos estranhos e fatos de inquietação social e perigo ecológico, apontam para transformações em grande escala. (GROSSO, 1999, p. 59).

Em consonância com o exposto acima, podemos encontrar traços da crença no milenarismo em diversas expressões religiosas, e não apenas no cristianismo. Alterações climáticas, catástrofes naturais e o avanço da ciência e da medicina apontam, no imaginário humano, para uma mudança de tempos, e para a tão sonhada reconfiguração da humanidade.

Contudo, as expressões do mito do milênio na modernidade nos são apresentadas sob uma faceta totalmente nova, distantes das previsões de “choro e ranger de dentes” presentes na narrativa bíblica, mas que se traem no momento em que externam características genéricas, comuns às narrativas milenaristas.

Exemplo disto é o surgimento das observações dos Objetos Voadores Não Identificados – os óvnis. Este fenômeno, totalmente diverso do costumeiro, despertou a atenção de Carl Gustav Jung e de Roland Barthes, que o interpretaram sob uma perspectiva mitológica, embora o primeiro, sob o viés psicológico, e o último, partindo de pressupostos políticos, intrinsecamente ligados ao temor gerado pela Guerra Fria.

Ainda que mais voltado para os aspectos psíquicos envolvidos nos aparecimentos dos discos voadores, Jung também não descarta a conjuntura política em que o ocidente se encontrava. Para ele, a Segunda Guerra Mundial moldou a psique das gerações seguintes:

Os boatos visionários podem, por certo, ser causados ou acompanhados por todas as possíveis circunstâncias externas, mas a sua existência baseia-se essencialmente num fundamento emocional presente em todo lugar; neste caso, então, fundamenta-se numa situação psicológica geral. O fundamento para este tipo de boato é uma tensão emocional que tem sua origem numa situação de calamidade coletiva, ou seja, de perigo; ou numa necessidade psíquica vital. Esta condição está dada, hoje em dia, pela pressão da política russa e suas consequências ainda incalculáveis que assolam o mundo inteiro. (JUNG, 1991, p. 5).

Para ele, a forma circular dos discos vistos no céu remete ao símbolo recorrente no inconsciente coletivo: a mandala. O formato circular representa a completude, que é vista no céu justamente pela ausência de enraizamento psicológico generalizado. Daí a projeção do símbolo da totalidade no “lado de fora” – algo que compensaria a mentalidade dividida do momento (GROSSO, 1999).

A visão de Roland Barthes acerca do fenômeno dos óvnis (sob a ótica do mito, obviamente) é de que estes seriam a salvação vinda dos céus para intervir na polarização entre Leste e Oeste e a consequente e irrefreável corrida armamentista.

O formato arredado e liso dos óvnis, na interpretação de Barthes, nada tem a ver com a projeção da totalidade na visão junguiana, e sim com a materialização do poder vindo dos céus, que nada tem de benfazejo, mas sim que representa o poderio e superioridade do planeta Marte, que irá julgar a todos imparcialmente:

A grande contestação URSS – EUA é assim considerada doravante como um estado culpável, porque não existe aqui medida comum entre o perigo e os direitos recíprocos: daí, o apelo místico a um olhar celeste suficientemente forte para intimidar as duas facções. (BARTHEs, 2009, p. 44).

Para Jung, o consciente humano se manifesta na aspiração de desbravar o espaço, e, em contrapartida, o inconsciente responde com as visões de discos voadores tripulados por seres que carregam interesses ainda obscuros por nosso planeta.

Na literatura esotérica podemos encontrar recorrências acerca da presença extraterrena e da possibilidade de comunicação entre ela e os seres humanos. Diz-se que os seres extraterrestres se encontram num grau evolutivo superior aos terráqueos, dada a engenhosidade dos artefatos por eles criados para viajar no espaço, e que, por esta razão, têm natureza solícita e compassiva (VALENTIN, ESSEN, 1997; HAND CLOW, 2003, 2006).

Segue exemplo extraído do livro “Revelação Cósmica: Novos ensinamentos sobre o tempo do despertar”, que, como explicado pelas autoras, é produto de canalização de uma comunicação proferida telepaticamente a uma delas por dois entes espirituais – o Raio Argênteo e Raio Áureo:

Na Terra, tendes um livro sobre Pleiadianos, com grandes e belas ilustrações coloridas, no qual esses seres vindos de um OVNI muito se parecem convosco, mas isso é, principalmente, uma projeção, pois eles querem que vós os aceiteis logo no primeiro contato. E então, à medida que vos fordes habituando ao seu método de comunicação telepática e vos tornardes acessíveis a sua energia, eles levantarão a ilusão com que vos têm apresentado e deixarão que gradualmente percebaís da sua verdadeira

aparência. Até lá já tereis construído com eles uma amizade harmoniosa e, portanto, reagireis favoravelmente aos mesmos. (VALENTIN, ESSENE, 1997, p. 145).

A comunicação telepática com seres extraterrenos já era discutida pelo JOURNAL. Em seu quinto número, o jornal publica entrevista de Tetê Catalão ao General Moacyr Uchôa, que à ocasião lançava livro sobre ufologia. Dentro de uma perspectiva aliada à parapsicologia, que este nomeia de “Esoterismo Científico”.

Em descrição do livro “Mergulho no hiper-espço” de Moacyr Uchôa, Tetê Catalão afirma que

O que vem a ser de maior importância é que o livro demonstra a viabilidade do processo e anuncia-se, em termos coletivos, como um protótipo realizável pela Humanidade como um Todo, que numa determinada época ascenderá a uma nova condição, ocupando um ambiente hiper-espacial e mobilizando-se dentro de novas variantes e perspectivas.

[...] Os contatos foram realizados telepática e visualmente, muito parecido ao sistema de telefonia, só que o interlocutor ouve, vê e ainda percebe em seu corpo a intensidade vibrátil dos seres contactados. (CATALÃO, 1975, p. 6).

A descrição do pesquisador de ufologia comprova a aproximação do milenarismo – presente na afirmação de que a humanidade um dia ascenderá a uma nova condição – e do direcionamento dado ao mito por Jung e Barthes. Há, ao longo de sua fala, a noção de que os extraterrestres são seres mais evoluídos que os terráqueos, aproximando-se de entes espirituais, cujo contato é estabelecido semelhante aos transe mediúnicos para contato com espíritos.

Figura 19 – Matéria do JOU sobre ufologia



Fonte: Jornal Ordem do Universo, 1975.

A ufologia figura o suplemento Milenium sob a forma do insólito. Como poderemos constatar em trechos da reportagem “ETs buscam minérios na PB”, assinada pela jornalista Bárbara Wanderley.

Num primeiro momento, são apresentadas informações sobre os avistamentos dos Objetos Voadores não Identificados (óvnis), dados fornecidos pelo Centro Paraibano de Ufologia. Em vista do alto número de relatos na Paraíba, em especial nas cidades de Guarabira (eleita a capital mundial dos óvnis) e Cabedelo, os ufólogos arriscam uma explicação:

Segundo Cláudio, tanto Guarabira quanto Cabedelo registram um número tão elevado de casos porque possuem portais dimensionais. Os portais seriam utilizados pelas naves para se locomover rapidamente de um ponto a outro, por isso que os Ovni sempre aparecem e desaparecem tão rapidamente. [...] Uma outra explicação para a frequência de casos no estado, é que algumas cidades da Paraíba fazem parte da linha ortotênica dos Ovni. A linha ortotênica é uma espécie de rota seguida pelas naves aproveitando o campo magnético da Terra. Segundo Martinho Barbosa, é como a rota de um avião. “Da mesma forma que o avião segue uma rota, as

naves também seguem”, explicou. Há ainda uma terceira explicação, que envolve os minérios existentes no nosso solo, principalmente o urânio. De acordo com os ufólogos, existe a possibilidade de o urânio ser utilizado como combustível pelas civilizações extraterrestres. Isso os levaria a buscar essa riqueza natural na Paraíba, que possui abundância do minério. “Isso é apenas especulação, mas há quem fale nessa possibilidade”, explicou Cláudio. (WANDERLEY, 03 nov. 2013).

A afirmação de que o tratamento dado à temática apela para o insólito se dá justamente pelo título da manchete ter sido retirado da mais inusitada das explicações, considerada uma especulação pelos ufólogos entrevistados. Assim, não haveria sentido para tal escolha, a não ser o de criar carga sensacionalista.

Figura 20 – Capa do suplemento Milenium sobre ufologia

CORREIO DA PARAÍBA

MILENIUM

Paraíba o Domingo, 03 de novembro de 2013 F1

ETs buscam minérios na PB

Centro registra até oito casos de aparições de OVNs por mês; Cabedelo e Guarabira lideram lista

UFÓLOGOS
Claudio Quintans, Cláudio Cabedelo e Barbra Barbra, 03/11/2013

Operação Prato
A Operação Prato, realizada em Paraíba em 1977, é considerada a maior pesquisa de seres ufológicos no mundo. A primeira série de observações sobre os extraterrestres ocorreu na região da tecnologia de defesa, que são a realidade oficial e as forças armadas foram liberadas para coletar dados políticos, apesar dos constrangimentos de segurança e custos.

Quintans de redação
De dez anos mais impressionante do que o caso de 1978, esse episódio envolveu um avião que se desintegrou no ar em 1978. O avião registrou que o piloto disse que viu um objeto que se desintegrou no ar. Depois disso, o avião se desintegrou no ar. Depois disso, o avião se desintegrou no ar. Depois disso, o avião se desintegrou no ar.

Documentos
Oficiais de inteligência foram contatados com documentos que se compõem por fotografias, vídeos e outros materiais.

CONTINUA NA PÁG. F2

PROBLEMAS COM DROGAS?

SE VOCÊ QUISER PARAR, PODEMOS TE AJUDAR.

Livre - Gratuito - Anônimo

Narcóticos Anônimos

(83) 8870-6342 / 9801-1312

www.na.org.br

Solidariedade

Fonte: Jornal Correio da Paraíba, 3 de novembro de 2013.

O fenômeno Nova Era, como visto anteriormente, guarda em si características de renovação e / ou rompimento das velhas doutrinas. Assim, o mito do Milênio reaparece insistentemente sob uma roupagem exótica e inédita. O Apocalipse é muitas vezes (re)interpretado aos moldes da transição para a Era de Aquário. Afirmo Grosso que:

O Mito do Milênio manifesta-se de duas maneiras. Na primeira, como frisou Norman Cohn, a aspiração é filtrada através de desorientados, ignorantes e ressentidos párias da sociedade, justificando política revolucionária violenta; na segunda, como faço questão de frisar, o Mito funciona pelo lado humanístico, gerador de vida, do ser humano. (GROSSO, 1999, p. 297).

A segunda manifestação do Mito do Milênio revela uma face humanística e esperançosa, e nos parece se encaixar ao discurso da Nova Era, que, apesar de enfatizar as dolorosas e inevitáveis mudanças planetárias, sinaliza também uma nova fase da vida humana, permeada pela leveza e pela bem-aventurança.

A atual posição da Humanidade na evolução espiritual é semelhante a um dia de Primavera. Nossas vibrações energéticas derretem a neve do vosso sono, aquecem e aceleram o vosso crescimento individual. Atualmente já se tem a percepção de que a Primavera está surgindo na alma de cada pessoa. Da mesma maneira que o Sol aquece o ar, fazendo as plantas crescerem, assim também nossos raios estimularam a vossa essência. Eis que chega o vosso período de crescimento. (VALENTIN; ESSENE, 1997, p. 95).

O Mito do Juízo Final, presente na narrativa bíblica, continua forte sob os auspícios da Nova Era, sem, no entanto, a dureza de um juiz personificado. Na Era de Aquário, a separação do “joio e do trigo” será feita através da transmutação da consciência humana e da total erradicação das mazelas da alma, conservando, no entanto, o antigo jogo dicotômico entre o velho e o novo, como veremos a seguir:

A entrada da Era de Aquário trouxe consigo um tempo tumultuoso que traz a ressurreição do homem, da terra e da vida. Tudo o que não se encaixa com o objectivo do esboço de Aquário – o que ainda pertence ao esboço da Era de Peixes – é destruído. [...] Com o início da ratificação do esboço de Aquário começou também em 1995 a força da construção do novo. Destruição e construção são os fundamentos nos quais se baseia a espiral da evolução de Aquário. A espiral nova da evolução, na primeira parte da Era de Aquário, tem como característica principal a cura, curar a vida. Da mesma forma que durante um processo de cura de uma doença se pode ter febre, ou seja, uma “febre” que também afecta a vida. O antigo da Era de Peixes – que estimulou a doença – destrói-se, e assim, pode nascer o novo. Traz-nos uma sociedade saudável segundo os critérios superiores da evolução de Aquário. (BOS, 2010, p. 66-67).

O quadro descrito por Sonia Bos (2010) culmina num sem fim de práticas e manuais de preparação para uma travessia menos dolorosa nesses tempos de transição, denotando a possibilidade de aprendizado face a uma realidade inexorável. O tom severo contido no texto do Apocalipse de João de Patmos é substituído, muitas vezes, por advertências seguidas geralmente de mensagens animadoras.

Quando puderdes sentir a vastidão destes firmamentos imensos nos vossos pensamentos e mesmo nas vossas células, sabereis do júbilo e da glória que nos inundam. Mas quando fizerdes ideia do ritmo subjacente que denota o desejo de uma grande inteligência, desejo de criar e de embalar os seus filhos cósmicos, então tereis a maior dádiva de todas: conhecereis a paz. (VALENTIN; ESSENE, 1997, p. 149).

No âmago das escatologias da Nova Era reside uma pulsão que anima a humanidade em busca da tão sonhada paz universal, da renovação da natureza e do próprio temperamento humano. No entanto, esta pulsão parece ser a mesma presente no zoroastrismo, no Apocalipse de João de Patmos e em tantas outras narrativas escatológicas.

Atualmente, a Nova Era parece encarnar essas narrativas do passado, e oferece projeções animadoras de bem-aventurança para o planeta. Através dela, o mito do Milênio ganha cores novas, embalagem arrojada, mas continua representando a necessidade atávica do ser humano por mudança e movimento.

3.3 A notícia e a construção de mitos

Se, como visto anteriormente, os mitos teimam em permanecer no imaginário humano, mesmo na sociedade moderna e, portanto, racionalista, a necessidade de traçar uma rota capaz de trazer à tona rastros do mito tem vital importância. Está claro que a presença do mito não terá papel central na conformação da sociedade urbana, ou pelo menos não será detectada prontamente, mas, de uma maneira ou de outra, o mito irrompe à superfície social e nos mostra que qualquer produção humana está passível de reproduzir sua linguagem.

O mito, sendo uma fala, como afirma Barthes, assume fluidez na sua forma, mostrando que diferentes narrativas, produtos da linguagem humana, estão impregnadas da narrativa mítica. Para além da pregnância das formas míticas nos veículos midiáticos, como bem relatam Jung, Barthes e Eliade, o próprio conteúdo midiático pode atuar de maneira a construir, no seu discurso, uma narrativa mítica própria.

Transportando essa proposição para o jornalismo, encontramos autores que corroboram a visão de que as notícias, além de narração do factual, atuam também de modo

mitológico. Para estes pesquisadores (BIRD; DARDENNE, 2009) os jornalistas atuam como contadores de histórias que usam estruturas convencionais de maneira a modelar suas narrativas, definindo o mundo numa forma própria, que reforça as visões de mundo dos leitores.

Não é que o jornalismo seja um mito para os dois autores, mas se constitui como parte de um discurso ordenado e racional, atuando na informação para uma cidadania. Mas que, ainda assim, devemos compreender esta sua faceta mitológica, passando também a enxergá-lo com um campo mitológico, para assim entendermos completamente a função ideológica que o jornalismo ocupa na sociedade.

O trabalho dos autores é fundamentado nas teorias de Schudson, quando este questiona o conceito fulcral de objetividade no jornalismo, e na abordagem antropológica de Geertz, privilegiando uma noção mais interpretativa do jornalismo em detrimento de uma visão mais tradicional, que enxerga o jornalismo como espelho da realidade e se atém, majoritariamente, ao factual.

Uma das explicações para o surgimento da linguagem mítica é a dificuldade que as pessoas encontram ao se deparar com fenômenos de difícil compreensão. Assim, os mitos respondem, de forma aceitável, tais cogitações. É o que faziam os antigos xamãs: elaboravam – ou recontavam – histórias capazes de dar significado aos mistérios do universo. Nos dias atuais, para os autores, os jornalistas se revestem da missão dos xamãs, ao contarem histórias – as notícias – que cumprem a função de confortar e fornecer um senso de controle diante do insólito (BIRD; DARDENNE, 2009).

É válido atentar para o fato de que, para os autores, as notícias, isoladamente, não se constituem em mitos. Todavia, no decorrer do processo comunicativo como um todo, elas podem assumir um caráter mitológico. Isso ocorre com a repetição das histórias emblemáticas do discurso noticioso, que acabam por revelar os mitos no imaginário humano: “o crime não compensa, a corrupção tem que ser punida, o trabalho enobrece, etc.” (CORREIA, 2011, p. 56). Além do mais, conseguem também estabelecer uma dimensão moral ao desfecho dos fatos reportados.

Elementos familiares para determinada cultura servem de matéria-prima para o jornalista, pois ajudam a construir uma noção de legitimidade ao seu discurso. A maneira como os fatos são ordenadamente narrados trazem uma sensação de segurança para o leitor, auxiliando-o a vencer seus medos e transpor a frustração provocada pelo aparente caos do mundo.

Afirma Eliade que “[...] pode-se dizer, portanto, que a paixão moderna pelos romances trai o desejo de ouvir o maior número possível de ‘histórias mitológicas’ dessacralizadas ou simplesmente camufladas sob formas ‘profanas’ (ELIADE, 1972, p. 133). Analogamente podemos também afirmar que essa paixão pelos romances ocupa o mesmo lugar – trajando a mesma roupagem – que a necessidade social por notícias factuais.

Exemplo do argumento supraexposto é o da cobertura midiática de crimes considerados hediondos. O acompanhamento diário de novas informações e o desejo de um desfecho mobiliza as pessoas de tal sorte que chega a impregnar o cotidiano. Disto, vemos surgir figuras que encarnam personalidades obrigatórias nas narrativas míticas, como a vítima, o bandido punido (ou até mesmo redimido) e o herói recompensado.

Como nos mostra João Carlos Correia (2011), ao discorrer sobre as notícias como mito,

O enunciado jornalístico dispõe de qualidades míticas porque fornece explicações para fenómenos desviantes ou aterrorizadores construindo explicações aceitáveis, oferecendo tranquilidade e familiaridade em experiências comunitárias partilhadas, proporcionando respostas credíveis para questões inquietantes, tornando publicamente aceitáveis e relevantes os conceitos de norma e de desvio, alertando para as consequências punitivas de condutas impróprias. (CORREIA, 2011, p. 55-56).

Assim, os veículos jornalísticos, ao reportar tais acontecimentos, asseguram a restituição da ordem em meio ao caos, reforçam valores morais tais como justiça, verdade e transparência, muitas vezes por meio do rechaço aos valores antitéticos de impunidade e prática da violência. Finda a trama, tem-se a impressão de que a sociedade inteira foi coparticipante de uma saga mítica, e que, por meio dela, teve a oportunidade de dar um “mergulho catártico” para reforçar seus códigos vigentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho fizemos uma imersão no universo simbólico da Nova Era e sua apresentação no discurso jornalístico, analisando-o por diferentes perspectivas. Entendemos que sua natureza é complexa e subjetiva, e, por isso, nossa pesquisa não pretendeu exaurir o assunto, mas sim acrescentar novo viés de análise.

Pudemos constatar, através do perfil traçado na primeira seção, o caráter desbravador do Jornal Ordem do Universo e sua intimidade com o fenômeno da Nova Era, bem como o seu vivenciar cotidiano de seus ideais.

A pesquisa em questão também nos permitiu entender as diferenças linguísticas entre o Jornal Ordem do Universo e o Suplemento Milenium, que acabam por evidenciar diferenças conceituais e estilísticas. Contudo, tivemos o cuidado em respeitar as diferenças entre as publicações, evitando a categorização forçosa e o enquadramento das formas de cada um dos jornais num cárcere maniqueísta e dual.

Entendemos que o JOU segue à risca a bandeira do alternativo e contracultural, divulgando um estilo de vida austero e reconciliado com a natureza, justamente por ser, mais que um jornal alternativo, mas sim um projeto de vida comunitária, pensamento que é constantemente propalado em todos os seus números.

Assim, o JOU já nasce da vontade de libertação das amarras impostas pelo sistema e pelo consumo de bens, razão da sua facilidade em conduzir livremente os conteúdos ligados à espiritualidade e ao universo contracultural *new age* que ora nascia. Ainda assim, driblando a imposição do mercado, o jornal alternativo tornou patente a criação de um estilo de vida que reproduzia o que vinha sendo postulado nos Estados Unidos e na Europa.

Já o Milenium obedece às regras do circuito mercadológico, uma vez que compõe o projeto editorial de uma empresa jornalística. Assim, seguindo a lógica de mercado, o discurso do suplemento acaba por estabelecer um estilo de vida ligado ao consumo de bens materiais e simbólicos ligados à Nova Era (sem mencionar os *gadgets* tecnológicos que também figuram suas páginas).

Entendemos que, embora o Milenium não se arvore como propagador dos ideais *new age*, os conteúdos simbólicos pertencentes à sua tônica se fazem presentes de maneira evanescente e trabalhada para se tornar palatável aos leitores do jornal, deixando de lado, muitas vezes, o real significado e a origem de tais temáticas, além de evidenciar o insólito.

Seguindo o estilo da pós-modernidade, o Milenium dilui tais componentes, que já foram reificados pelo mercado ao longo dos anos, e os apresenta a seus leitores imprimindo

tonalidades diversas, sem, no entanto, tangenciar a linha de raciocínio dos primeiros adeptos e militantes *new age*.

Como formação de uma comunidade embora heterogênea, a Nova Era se constitui numa nova maneira de estar junto, resgatando a prática da solidariedade orgânica. E, enquanto expressão de religiosidade, o fenômeno em questão representa uma personalização da religião às preferências individuais, oferecendo infinitos jeitos de vivenciar o sagrado.

Ao que nos parece, o engajamento foi substituído pela participação esporádica e pelo trânsito em distintas tradições. Os *new agers*, em virtude de seu pacifismo e tolerância, são peritos em abraçar diferentes tradições, em beber de fontes que, não fosse a tônica pós-moderna, jamais poderiam conviver sem se contradizer ou excluir mutuamente.

Embora, como vimos na seção destinada a tratar da pós-modernidade, o agora seja o mote para a Nova Era e para o discurso pós-moderno, vemos sempre o futuro ligado ora às catástrofes e cataclismos decorrentes de uma humanidade decaída, ora aos auspícios de uma nova Terra e um novo tempo, prêmio destinado aos que conseguirem acessar níveis elevados de consciência.

De uma maneira ou de outra, nos parece que o tão falado (e sonhado) novo nunca chega, e que se tornará vetusto sem nunca ter se manifestado efetivamente. Essa ideia nos remete à imagem do *uroborus*, serpente mitológica que morde eternamente a própria cauda e se alimenta de si mesma.

Tivemos também, no decorrer deste trabalho, a oportunidade de pôr em prática a teoria da notícia jornalística como reforçadora dos mitos e da tradição da pós-modernidade, reconfigurando-os e assegurando seu lugar na sociedade urbana. Assim, mesmo entrecortado e multifacetado, o discurso jornalístico funciona como bússola para a compreensão do cotidiano e seu imaginário.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Leila. **Carnaval da alma**: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.
- BIRD, S. Elizabeth; DARDENNE, Robert W. Rethinking News and Myth as Storytelling In: WAHL-JORGENSEN, Karin; HANITZSCH, Thomas. **The handbook of journalism studies**. New York: Routledge, 2009.
- BOS, Sonia. **O homem na Era de Aquário**: O homem cósmico. Países Baixos: De Gouden Kroon, 2010.
- BRENNAN, Barbara. **Mãos de luz**: Um Guia para a Cura através do Campo de Energia Humana. São Paulo: Pensamento, 1999.
- CALADO, Liliane. **A ciência no jornalismo impresso**: Análise das reportagens do suplemento Milenium – Jornal Correio da Paraíba. 2006. 135 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/calado-liliane-ciencia-jornalismo-impresso.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2015.
- CAMPBELL, Joseph. **Isto és tu**: redimensionando a metáfora religiosa. São Paulo: Landy, 2002.
- CARVALHO, Carmen. **Segmentação do jornal, a história do suplemento como estratégia de mercado**. In: V Congresso Nacional de História da Mídia, 2007, São Paulo.
- CASSIRER, Ernst. **Linguagem e Mito**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CORREIA, João Carlos. **O admirável Mundo das Notícias**: Teorias e Métodos. Covilhã: LabCom, 2011.
- DELUMEAU, Jean. **Mil anos de felicidade**: Uma história do paraíso. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- _____. **Aspectos do mito**. Lisboa: Harper & Row, 1973.
- _____. **O Sagrado e o Profano**: A essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FERGUSON, Marilyn. **A conspiração aquariana**. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- FREIRE FILHO, João. Mídia, consumo cultural e estilo de vida na pós-modernidade. **ECO-PÓS**. Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 72-97, 2003.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GROSSO, Michael. **O Mito do Milênio**: Espiritualidade, amor e morte no fim dos tempos. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1999.

HAND CLOW, Barbara. **Catastrofobia**: A Verdade por trás das mudanças na Terra com a chegada da Era de Luz. São Paulo: Madras, 2003.

HAND CLOW, Barbara. HAND CLOW, Gerry. **Alquimia das nove dimensões**: decodificando o eixo vertical, os círculos em plantações e o calendário maia. São Paulo: Madras, 2006.

JUNG, Carl Gustav. Um mito moderno sobre coisas vistas no céu. In: JUNG, Carl Gustav. **Obras Completas de C. G. Jung** – volume X/4. Petrópolis: Vozes, 1991.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do Vazio**: Ensaio sobre o individualismo contemporâneo. Barueri: Manole, 2005.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

_____. **Maffesoli e a pós-modernidade**. Entrevista concedida a Juremir Machado da Silva. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/blogs/juremirmachado/?p=4107>> Acesso em: 10 de jul. 2015.

_____. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. **O conhecimento comum**: introdução à Sociologia Compreensiva. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

_____. **Saturação**. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2010.

MAGNANI, José Guilherme. **O Brasil da Nova Era**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

MELCHIZEDEC, Drunvalo. **O Antigo segredo da Flor da Vida**, volume 1. São Paulo: Pensamento, 2009.

MELCHIZEDEC, Drunvalo. **O Antigo segredo da Flor da Vida**, volume 2. São Paulo: Pensamento, 2009.

MORIN, Edgar. **O retorno dos astrólogos**. Lisboa: Moraes, 1972.

NICOLACI-da-COSTA, Ana Maria. A passagem interna da modernidade para a pós-modernidade. **Revista Psicologia: Ciência e Profissão**. Brasília, v. 24, n. 1, p. 82-93, mar. 2004.

PAIS, José Machado. **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2003.

PEREIRA, Wellington. A nova escrita jornalística como leitura do cotidiano. **Revista Culturas Midiáticas**. João Pessoa, n. 1, jul. – dez. 2008.

PIERI, Paulo Francesco. **Dicionário junguiano**; tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2002.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **O desencantamento do mundo**: todos os passos do conceito em Max Weber. São Paulo: USP, Curso de Pós-Graduação em Sociologia: Editora 34, 2003.

PORTAL DO VALE DO AMANHECER Disponível em:

<http://valedoamanhecer.com/endereco_templos/todos.php>. Acesso em 2 de junho de 2014.

SENDY, Jean. **A Era de Aquário**: o fim da ilusão humanista. São Paulo: Hemus, 1970.

TEDESCO, João Carlos. **Paradigmas do cotidiano**: introdução à constituição de um campo de análise social. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.

TOLLE, Eckhart. **O poder do agora**. Rio de Janeiro: Sextante, 2010.

TORRES, Carlos; ZANQUIM, Sueli. **2012: A Era de Ouro**. São Paulo: Madras, 2010.

VALENTIN, Ann; ESSENE, Virginia. **Revelação Cósmica**: Novos ensinamentos sobre o tempo do despertar. São Paulo: Cultrix / Pensamento, 1997.

VIEIRA, Kaline. **Saber Dizer, Saber Convencer**: Ensaio sobre a entrevista na revista Veja. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo) – Universidade Federal da Paraíba.

MATÉRIAS ANALISADAS

COMUNIDADE rural: alternativa utópica para 1984. **Jornal Ordem do Universo**. Ano I. n. 7. nov. /dez. 1975.

CATALÃO, Tetê. Mergulho do hiper-espço: o novo livro de Moacyr Uchoa. A dimensão esotérica na pesquisa dos discos voadores. **Jornal Ordem do Universo**. Ano I, n. 5. 1975.

COMUNICADO do JOU. **Jornal Ordem do Universo**. Ano I. n. 7. nov. /dez. 1975.

CONTROLE Biológico: como reduzir o uso de inseticidas na agricultura. **Jornal Ordem do Universo**. Ano I. n. 7. nov. /dez. 1975.

ECOAGRICULTURA: alternativas orgânicas para a agricultura industrial. **Jornal Ordem do Universo**. n. 6. Jun. 1975.

ECOTÁTICAS: coisas que você pode fazer. **Jornal Ordem do Universo**. n. 6. Jun. 1975.

EDITORIAL. **Jornal Ordem do Universo**. Ano I. n. 6. Set. / out. 1975.

GENGIBRE: um remédio universal. **Jornal Correio da Paraíba**. 24 de fevereiro de 2013.

NOSSO propósito. **Jornal Ordem do Universo**. Ano I, n. 5. 1975.

RODRIGO, Marcelo. 2013: Tempo para materializar sonhos. **Jornal Correio da Paraíba**. João Pessoa, 13 de janeiro de 2013.

_____. Guerra contra as pragas da plantação. **Jornal Correio da Paraíba**. 20 de janeiro de 2013.

_____. Padre usa acupuntura em fiéis. **Jornal Correio da Paraíba**. 10 de março de 2013.

_____. Tambaba e os indícios Inca. **Jornal Correio da Paraíba**. 28 de abril de 2013.

TAROT: a simbologia das civilizações mágicas no Planalto Central do Brasil. **Jornal Ordem do Universo**. Ano I. n. 7. Nov/ dez 1975.

WANDERLEY, Bárbara. ETs buscam minérios na PB. **Jornal Correio da Paraíba**. 03 de novembro de 2013.